

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**TEOLOGIA**

**Eder Michel Sousa Teles**

**CIRCUNSCRIÇÃO PAROQUIAL - QUE CHÃO É ESSE QUE O VERBO  
TOCA? UMA LEITURA À LUZ DO NÚMERO 1 DA CONSTITUIÇÃO  
PASTORAL *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A NECESSIDADE DO  
CONHECIMENTO DA REALIDADE TERRITORIAL DA PARÓQUIA.**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**São Paulo**

**2023**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Eder Michel Sousa Teles**

**CIRCUNSCRIÇÃO PAROQUIAL - QUE CHÃO É ESSE QUE O VERBO  
TOCA? UMA LEITURA À LUZ DO NÚMERO 1 DA CONSTITUIÇÃO  
PASTORAL *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A NECESSIDADE DO  
CONHECIMENTO DA REALIDADE TERRITORIAL DA PARÓQUIA.**

Trabalho de Conclusão de curso  
apresentada à Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, como requisito  
parcial para a obtenção de título de  
BACHAREL em Teologia sob a orientação  
do Prof. Dayvid da Silva

**São Paulo**

**2023**

## FICHA DE APROVAÇÃO

**TEMA: CIRCUNSCRIÇÃO PAROQUIAL - QUE CHÃO É ESSE QUE O VERBO TOCA? UMA LEITURA À LUZ DO NÚMERO 1 DA CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A NECESSIDADE DO CONHECIMENTO DA REALIDADE TERRITORIAL DA PARÓQUIA.**

**DISCENTE: Eder Michel Sousa Teles**

**ORIENTADOR: Prof. Dayvid da Silva**

**NOTA OBTIDA \_\_\_\_\_**

**OBSERVAÇÃO DO PROFESSOR:**

---

---

---

---

**ASSINATORA \_\_\_\_\_**

**São Paulo**

**2023**

## **DEDICATÓRIA**

À minha avó e tia paternas, aos meus pais. Aos meus irmãos, familiares e amigos. Aos meus confrades, ao meu orientador, Professor Dayvid da Silva. Aos meus professores. E a todos os ligados às paróquias pelas quais passei, em especial a paróquia Nossa Senhora do Desterro, em Desterro-PB.

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento de gratidão lembro, especialmente, de todos os professores que tiveram especial atenção e cuidado para com o meu aprendizado: a todos meu reconhecimento e apreço. Em especial, agradeço ao meu orientador, o professor Pe. Dayvid da Silva, pela atenção e cuidado.

À Ordem das Mercês, na pessoa do meu primeiro formador, Fr. Fernando Henrique O. de M., que, com sua sensibilidade, acreditou e colaborou de forma especial na minha vocação e na formação inicial na vida religiosa mercedária.

Recordo de todos os que estiverem na formação inicial na Ordem Mercedária no período de 2012 a 2023 que sempre estiveram presentes, ajudando-me e sendo meus irmãos nos momentos de alegria e de tristeza, bem como a todos os fiéis ligados à família mercedária.

Aos meus familiares e amigos que têm um lugar especial e são insubstituíveis, pois são sinais do amor de Deus para mim. Lembro, saudoso, minha avó, Severina Teles da Silva, e meu Pai, Eudes Teles André, que marcaram minha história com suas vidas.

Por fim, agradeço a todos os que rezam e, no escondimento, ajudam-me na caminhada de vida. Peço com o coração agradecido ao bom Deus que abençoe a todos.

## RESUMO

O cuidado com o trabalho pastoral passa pelo conhecimento das realidades existentes na circunscrição paroquial que, antes de ser um limitador, é um campo de atuação dinâmico e vasto, tendo como centro uma comunidade humana e que deve ser fermentado com a atuação de todo povo Deus onde pisa e segundo o seu ministério próprio e sua especialidade social. Tendo em vista a diversidade das realidades às quais o homem está sujeito num território paroquial, esse trabalho propõe uma reflexão sobre algumas realidades periféricas que necessitam de uma assistência pastoral de inserção, sem a qual passam despercebidas nos planos de ação da pastoral paroquial. Para tal, pretende apresentar uma reflexão à luz do número 1 da *Gaudium et Spes*, apresentando a humanidade e tudo que diz respeito a ela como território a ser acolhido na ação evangelizadora.

**Palavras-Chave:** Acolhida, realidade, dignidade, encontro.

## **ABSTRACT**

The care with the pastoral work begins with knowing the reality existing within the pastoral territory. It acts like a dynamic and vast acting field centered in a human community that must be nurtured with the action of the people of God wherever they are and according to its own ministry and social expertise. According to the many available realities to which the men are subject to in a parish church, this work aims to reflect about some marginalized realities that require a pastoral assistance that allow them to be inserted in the parish community. To achieve this, we present a reflection based on Paragraph 1 of Gaudim et Spes, presenting the humanity and its characteristics as a territory to be embraced by the evangelical action.

**Keywords:** Reception, reality, dignity, encounter.

## LISTA DE SIGLAS

### Documentos do Magistério:

AA - *Apostolicam Actuositatem*

AG - *Ad Gentes*

CCUNP - Comunidades de comunidades: uma nova paróquia

CPC - Congregação Para o Clero

CDC - Código de Direito Canônico

CD - *Christus Dominus*

CIC - Catecismo da Igreja Católica

CDSI - Compêndio da doutrina social da Igreja do Pontifício Conselho de Justiça e Paz

CL - *Christifideles Laici*

DGAEIB - Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 - 2015

DI - *Dominus Iesus*

DCE - *Deus Caritas Est*

DAp - Documento de Aparecida

DM – Documento de *Medellín*

DCE - *Deus Caritas Est*

EG - *Evangelii Gaudium*

GS - *Gaudium Et Spes*

LF - *Lumen Fidei*

LG - *Lumen Gentium*

MM - *Mater et Magistra*

PP - *Populorum Progressio*

SF - *Sensus Fidei*

SC - *Sacrosanctum Concilium*

UR - *Unitatis Redintegratio*

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	12
<b>Primeiro capítulo</b> .....	14
1 - O Território paroquial.....	14
1.1 - O surgimento da paróquia.....	14
1.2 - O governo local.....	16
1.2.1 - O Vaticano II e o diálogo com o mundo.....	17
1.2.2 - As forças eclesiais carismáticas.....	19
1.3 - Diversidade territorial.....	19
1.3.1- A diversidade humana como campo missionário.....	21
1.3.2 - As forças sociais.....	22
1.3.3 - Pastoral de manutenção.....	22
1.4.1 - A circunscrição humana, único interesse da paróquia.....	23
<b>Segundo capítulo</b> .....	27
2 - A Igreja acolhedora da humanidade.....	27
2.1 - A acolhida.....	27
2.1 - 2 A sensibilidade acolhe os imprevistos da pastoral.....	28
2.1.3 - Jesus: o homem da acolhida.....	31
2.2.1 - Renovação das estruturas.....	32
2.2.2 - A importância das comunidades.....	34
2.3.1 - O Julgamento do amor.....	35
2.3.2 - A questão da evangelização no “novo mundo” .....	36
2.3.3 - O amor de Deus.....	38
<b>Terceiro capítulo</b> .....	42
2 - O povo de Deus.....	42
3.1 - Conscientização da responsabilidade pastoral em especial os leigos.....	42

3.1.2 - Conscientização da responsabilidade pastoral.....	43
3.1.3 - Evangelização a partir de dentro.....	38
3.1.4 - Evangelização pela escuta dos fiéis e do mundo.....	45
3.2 - A Igreja em saída.....	47
3.2.1 - A colaboração dos de boa vontade.....	48
3.2.2 - O profetismo como ação que desmascara as injustiças.....	50
3.3 - Realidade existencial consagrada.....	52
3.3.1 - O encontro extraordinário e a missão existencial.....	53
<b>Conclusão.....</b>	<b>57</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

A referência de atuação pastoral territorial que o presente trabalho busca refletir é justamente a encarnação do Verbo que, tocando o chão circunscrito de Israel, instala-se no coração de toda a humanidade a partir de sua vida, morte e ressurreição. Os limites de resgate são quebrados pela inauguração do Reino de Deus por Jesus Cristo. Eis, então, o espeito que deve ser seguido pela paróquia.

O surgimento da estrutura paroquial esteve desde o início vinculada à manutenção da unidade entre os cristãos, pretendendo ser um rosto visível da Igreja de Cristo, sinal do Reino entre os homens. Diante disso, com o passar do tempo, instala-se no meio dos diversos territórios pelo mundo, na busca de reunir as comunidades cristãs em torno dos sacramentos e das diversas ações eclesiais que a apoia e sustenta. Com a renovação eclesial do Concílio Vaticano II, evidenciou-se algo que já era certo para o cristianismo: a preocupação com o serviço à humanidade, em especial para com os pobres. Sendo isso possível a partir do diálogo com o mundo e suas realidades.

O primeiro capítulo quer apresentar um breve panorama da estrutura paroquial, lançando um olhar para o seu surgimento e sua configuração pós-Vaticano segundo, apresentando tudo o que diz respeito ao humano como território da missão paroquial e demonstrando o quanto é amplo o campo humano de atuação pela diversidade existente, que exclui uma pastoral de manutenção. Ficando em segundo plano a questão meramente geográfica circunscrita, tendo como base das discussões o número 1 da *Gaudium Spes*.

O segundo capítulo coloca a Igreja como aquela que tem a missão de acolher a humanidade pela sensibilidade dos batizados, que promovem a acolhida das situações humanas que estão fora dos planos pastorais. Reflete-se sobre a necessidade das constantes renovações estruturais da pastoral bem como da efetividade das comunidades cristãs no território paroquial, na escuta das pessoas ligadas a elas, direta e indiretamente. Tendo o amor de Deus como a única pauta para acolhida das pessoas.

Já o terceiro capítulo tenta evidenciar a amplitude da reflexão do conceito povo de Deus, do Concílio Vaticano II. Constatando a urgência da conscientização dos leigos, do seu protagonismo missionário-existencial, a partir do incentivo dos clérigos e religiosos. Apresenta, ainda, a proposta do Papa

Francisco de uma Igreja em saída, que aumenta o seu raio de atuação ou serviço ao homem pela saída de si mesmo, incentivando e aceitando a ajuda das comunidades sociais que estão próximas às paróquias, fazendo do território paroquial o lugar do diálogo com a sociedade em geral, para ajudar e ser ajudada na ação missionária, exigida pela realidade acolhida.

## PRIMEIRO CAPÍTULO

### 1. O Território paroquial

A intenção dessa primeira explanação sobre a paróquia e sua circunscrição, lida a partir do número 1 da *Gaudium et Spes*, é de, brevemente, tratar sobre o que é a configuração desafiadora da missão territorial-paroquial. Num primeiro momento, aborda-se a questão histórica, trazendo alguns dados que iluminam a formação de tal estrutura. Em seguida, trata-se do governo da paróquia, colocando a realidade ministerial e hierárquica da Igreja. É proposto, ainda, um olhar para a diversidade existente no território paroquial, buscando destacar a centralidade da pessoa humana em tudo o que diz respeito à circunscrição. Por fim, procura-se expor a exigência da renovação das estruturas da paróquia, tendo em vista o perigo da pastoral de manutenção.

#### 1.1 O surgimento da paróquia

“O termo paróquia é de origem grega e, tomando o sentido do substantivo *paroikía*, que dele vem, pode ser traduzido por morada em terra estrangeira”, (ALMEIDA, 2009, p. 23), trançando a dinâmica da porção do povo de Deus congregada na eucaristia (SOUZA, 2014, p. 169). A paróquia, enquanto comunidade de féis seguidores de Cristo, assume o caráter de contraste nos diversos lugares onde é chamada a estar como peregrina, devendo ser uma alternativa para os homens de todos os tempos.

É importante voltar às origens do que foi se constituindo como paróquia para avaliar o presente e construir a esperança futura dessa duradoura estrutura. O caráter de estrangeira dá à paróquia a liberdade de se instalar na diversidade cultural, sendo dela colaboradora ao mesmo tempo que aprendiz. (SOUZA, 2014 p.160)

Com a missão paulina se vai delineando um cristianismo sedentário, onde comunidades eram formadas e se reuniam regularmente em assembleia. Essas reuniões aconteciam, no primeiro momento, nas casas. Surgia, assim, a *domus ecclesiae* (igreja doméstica), servindo, ainda, de ponto de apoio aos pregadores itinerantes, bem como ao recolhimento da ajuda financeira para as missões e

trabalhos de caridade, interna e externa de cada comunidade. (ALMEIDA, 2009 p. 29)

As comunidades serviam-se de vários ministérios e mantinham a comunhão entre si. Um dado muito importante era a diversidade das lideranças, com expressiva presença de mulheres:

[...] Pelas cartas de Paulo, conhecemos Ninfas, que, com Filêmon e Arquipo, era líder de uma Igreja em sua casa (cf. Cl 4,15); Priscila e seu marido, Áquila, que foram chefes de uma Igreja em Éfeso (cf. 1Cor 16,19) e, depois, em Roma (cf. Rm 16,3.5); Lídia, a primeira convertida em Filipos, em cuja casa se reunia uma Igreja (cf. At 16,15); Evódia e Síntique, também de Filipos (cf. Fl 4,2-3); Maria, Trifena, Trifosa e Pérside, que "têm trabalhado muito no Senhor" (Rm 16,6.12); a mãe de Rufo (cf. Rm 16,13); Júnia (cf. Rm 16,7); os casais Filólogo e Júlia, Nereu e sua "irmã" (cf. 21 1Cor 9,5), provavelmente um casal missionário (cf. Rm 16,15), todos cristãos e cristãs de Roma; no porto de Cencreia (11 km a sudoeste de Corinto), Febe, que é *diákonos* naquela Igreja. (ALMEIDA, 2009, p.33)

Dois fatos marcantes para o surgimento da paróquia foram o edito de Milão (por Constantino, em 313) e o edito de Tessalônica (por Teodósio, em 381). O primeiro dá liberdade à religião cristã e o segundo declara a religião oficial do Estado. Esses dois acontecimentos facilitam o crescimento exponencial dos cristãos. As Igrejas das casas passam a não suportarem mais as grandes assembleias, surgindo as igrejas títulos, grandes edificações de propriedade das comunidades, que imitam os edifícios romanos (ALMEIDA, 2009 p.36).

O antigo equilíbrio entre Igreja da casa (comunidade espiritual social) e casa da Igreja ou simplesmente casa igreja (pequeno espaço físico onde a comunidade se reunia), em certa medida abalada pela introdução dos títulos, será praticamente dissolvido pela introdução das paróquias territoriais, em que os limites entre comunidade eclesial e sociedade civil começam a desaparecer, e a identificação entre paróquia e igreja paroquial começa a emergir. (SOUZA, 2014 p.164)

No século IV, surgem a diocese e a paróquia. A Igreja passa a ser organizada a partir de presbíteros, não mais da figura do bispo, mesmo que mantendo uma certa ligação de autoridade com as comunidades distantes. (SOUZA, 2014 p.164). Surgem, também, as paróquias rurais deixando as cidades como sede episcopais. Há o desenvolvimento de uma nova organização

eclesial e a base é o território que a constituirá, o que se chamará de paróquia. Conforme escreve Souza,

Os documentos fundamentais que registram o seu nascimento são dois: o cânon 77 do Concílio de Elvira (300-306) e o cânon 21 do Concilio de Arles (314). Elvira afirma: "Se um diácono que governa uma plebe (*regens plebem*) batiza sem [a permissão [do] bispo e (do) presbítero, o bispo deve completar [o rito] com a benção [confirmação]". Arles prescreve: presbíteros e diáconos que costumam abandonar os lugares, (loca) para os quais foram ordenados e se transferem para outros lugares, aprouve [ao sínodo decidir] que eles sirvam nos lugares para os quais foram nomeados. Se, tendo abandonado o próprio lugar, se transferem para outro lugar, sejam depostos". Esses cânones revelam a existência de comunidades distantes da sede episcopal nas quais residem estavelmente presbíteros e diáconos com funções ainda limitadas e imprecisas, mas assumidas por eles como próprias. (SOUZA, 2014 p.164)

Com a passagem da “*domus Ecclesiae à Ecclesiae paroecialis*” (SOUZA, 2014 p.165) há uma assimilação entre a estrutura Imperial romana e a Igreja paroquial. Com isso, as pessoas que antes se convertiam a uma comunidade por atração passam a nascer cristãs, os membros fazem parte por convenção social. A divisão entre o social e o cristianismo vai desaparecendo e a pequena comunidade de caráter pessoal amplia-se consideravelmente, tornando-se impessoal. O caráter itinerante, missionário vai perdendo força: a preocupação passa a ser com os sacramentos. É o surgimento da cristandade (ALMEIDA, 2009 p.47).

## 1.2 O governo local

Hoje, o governo da paróquia continua se definir a partir de sua ligação com a Igreja local, isto é, “[...] a porção do povo de Deus confiada a um Bispo [...], que a governa com a [...] cooperação do presbitério [...]” (CD, n. 10). É a partir da ciência da missão do bispo na sua Diocese que se pode traçar caminhos de missão no que se vai se entendendo como Paróquia, célula da Igreja particular. (AA, n. 10). Sendo assim, ensina o Concílio Vaticano II:

Cada Bispo, a quem se confiou o cuidado de uma Igreja particular, apascenta em nome do Senhor suas ovelhas, sob a autoridade do

Sumo Pontífice, como seu pastor próprio, ordinário e imediato, exercendo o múnus de ensinar, santificar e governar [...] (CD n. 11).

Entende-se que o tríplice múnus de ensinar, santificar e governar é exercido pelo bispo de maneira ordinária na sua Diocese, sempre em consonância com o Bispo de Roma e na colegialidade com os outros Bispos, que, juntos, formam o colégio apostólico e guardam o depósito da fé (LG, n. 20).

Ao entender Igreja local como porção do povo de Deus, o direito canônico vai especificar o que é a diocese, enquanto território delimitado, para uma melhor assistência: “Por via de regra, a porção do povo de Deus, que constitui uma diocese ou outra Igreja particular, seja delimitada por determinado território, de modo a compreender todos os fiéis que nesse território habitam.” (CDC. Cân. 372 n. 1) E, mais a frente, coloca a paróquia como uma forma de divisão do território diocesano. Ao falar da paróquia diretamente o código diz:

Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e o seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano. (CDC. Cân. 374 n. 1)

Conclui-se que a paróquia é uma legítima parte da Igreja local, onde, sob o governo do pároco, colaborador do bispo, (LG, n. 28) deve-se efetuar o trabalho de evangelização, que é encargo do bispo na parcela do povo de Deus a ele confiada. As paróquias continuam sempre sufragâneas à Diocese, nos seus diversos direitos e deveres, estabelecidas em um território. Onde se deve cultivar a vida litúrgica e a ligação com o bispo, “[...] no coração e na ação dos fiéis e do clero” (SC, n. 4).

### **1.2.1 O Vaticano II e o diálogo com o mundo**

A renovação trazida pelo Concílio Vaticano II apresenta grandes desafios para a missão no território paroquial, sendo um dos maiores: o diálogo entre a Igreja e o mundo. Expressado de forma geral em todos os documentos gerados e aprovados no Concílio, e, de forma mais específica, na constituição pastoral *Gaudium Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje. Há como que uma modificação

na forma de se pensar a evangelização nos territórios das Igrejas particulares, pois traz a exigência do diálogo com o mundo e suas realidades. Tal mudança exige contato direto e, às vezes, indireto com as diversas realidades de missão percebidas. Assim,

Longe de centralizar a Igreja na hierarquia, o Concílio Vaticano II inova, ao devolver à Igreja suas características fundantes e fundamentais. Resgata-se a "tríade eclesiológica" que sustenta a Igreja: Templo do Espírito Santo (LG 4), Corpo de Cristo (LG 7) e Povo de Deus (LG 9). (SILVA, 2014, p. 834)

A proposta do diálogo com o mundo exige da paróquia uma renovação na forma de evangelizar. Não mais circunscrita territorialmente, mas, sim, no homem, e, mais, em todos os homens, os que pelo batismo, fazem parte da Igreja e os que, de algum modo, “se desviaram do caminho da verdade, ou ignoram o evangelho de Cristo e a misericórdia salutar, até que todos finalmente caminhem ‘em toda bondade, justiça e verdade’ (Ef 5,9)” (CD n. 11). Nesse sentido,

Esta "nova estrutura" eclesial mudará a forma de se enxergar a Igreja. Tendo como protagonista o Espírito Santo que habita na Igreja e no coração dos fiéis, como num Templo (LG 4), ao ser apresentada como Corpo de Cristo, dentro da perspectiva paulina (cf. 1Cor 10,17; 12,12 30; Rm 12,5), esta mesma Igreja resgata também seu caráter ministerial, reconhecendo a validade hierárquica dos bispos (LG 20-27), presbíteros (LG 28) e diáconos (LG 29), assim como o sacerdócio comum dos fiéis e seu exercício através dos diversos carismas (LG 10-14). (SILVA, 2014, p. 834-5)

A paróquia “[...] é, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas” (CL, n. 26). Sua estrutura deve estar a serviço da missão evangelizadora. As dioceses divididas em paróquias, por pequenas que sejam, ganham dimensões gigantescas, pois, as pessoas são, todas e cada uma, “lugares teológicos”<sup>1</sup>, terras de missão, pois o Verbo, pelo

---

<sup>1</sup> “Partindo da distinção entre argumentos de razão e argumentos de autoridade e da afirmação do primado da Autoridade sobre a Razão na teologia,\* Melchor Cano, baseando-se nos Tópicos de Aristóteles, compreende os "lugares teológicos" como os lugares de onde se tiram os argumentos teológicos: "Assim como Aristóteles propôs em seus Tópicos uns lugares comuns como sedes e sinais de argumentos, de onde se pudesse extrair toda argumentação para

Espírito, quis nos homens habitar. Recorda-nos o evangelho João (4,20-23) que Jesus, no encontro com a samaritana, desloca o lugar da adoração a Deus de um lugar fixo e circunscrito para a dinamicidade dos verdadeiros adoradores, em última instância, há um lugar da reverência a Deus: o coração humano. Os legítimos pastores locais devem usar do território fixo para promover a cultura do encontro que transforma a partir de uma evangelização pelo testemunho, sempre aberta à renovação.

Com estas mudanças, as dioceses e paróquias passam a reestruturar-se para tentar responder às propostas do Concílio e dialogar com a sociedade em mudança. De maneira especial, mesmo não se tendo um documento específico sobre a paróquia, o Concílio, reconhecendo que na paróquia a Igreja se faz mais próxima dos fiéis, admoesta-a para que viva sua vocação primeira: ser comunidade de comunidades, unida a um corpo que a sustenta, a diocese. (SILVA, 2014, p. 835)

### **1.2.2 As forças eclesiais carismáticas**

Dentro da perspectiva da Igreja missionária se vê a necessidade de juntar as forças existentes, lideranças que um território possa ter. As primeiras são as estruturas diretamente ligadas à Igreja. As casas religiosas: mosteiros, conventos, associações leigas que, porventura, podem dirigir ações sociais como escolas, hospitais, creches, orfanatos, casas de repouso e tantos outros. Esses são locais onde se manifesta, clara e ativamente, os diversos ministérios que não devem ficar totalmente alheios à paróquia. Tocam a circunscrição de

---

qualquer classe de disputa, de maneira análoga, nós propomos também certos lugares próprios da teologia como domicílios de todos os argumentos teológicos, de onde os teólogos podem sacar todos os seus argumentos ou para provar ou para refutar". Ele estabelece dez "lugares teológicos": autoridade da Sagrada Escritura, autoridade das Tradições de Cristo e dos Apóstolos, autoridade da Igreja Católica, autoridade dos Concílios, autoridade da Igreja Romana, autoridade dos Santos Padres, autoridade dos Teólogos Escolásticos e dos Canonistas, Razão Natural, autoridade dos Filósofos e autoridade da História Humana." Os argumentos que se extraem dos sete primeiros lugares são argumentos "inteiramente próprios" da teologia, enquanto que os que se extraem dos três últimos lugares são argumentos "adscritos e como que mendigados do alheio". Dos dez "lugares teológicos", diz ele, "os dois primeiros contêm os 'princípios próprios e legítimos' da teologia, enquanto que os três últimos contêm os princípios externos e alheios", pois os cinco intermediários contêm ou a interpretação dos princípios próprios ou essas conclusões que nasceram e saíram deles". Para Melchor Cano, "lugar teológico" significa, portanto, os "domicílios" ou as "fontes de argumentos da teologia, ou seja, os lugares de onde se pode extrair os mais diversos argumentos teológicos." (AQUINO, 2010, p. 451-452)

maneiras especializadas e podem dar respostas a um trabalho de conjunto fecundo. De acordo com a Congregação para o Clero,

Os diversos componentes que na paróquia se articulam são chamados à comunhão e à unidade. Na medida em que cada um coloca em prática a própria complementariedade, pondo-a a serviço da comunidade, então, de um lado pode-se ver plenamente realizado o ministério do pároco e dos presbíteros que colaboram como pastores e, de outro lado, emerge a peculiaridade dos vários carismas dos diáconos, dos consagrados e dos leigos, para que cada um faça o seu melhor para a construção do único corpo (1Cor12,12). (CPC, n. 28, documento 63)

A marca da unidade sempre impele a Igreja para o serviço em comunidade. Porém, sem a busca por superar a impessoalidade, que marca negativamente as paróquias, a evangelização perde capacidades pessoais por falta de conhecimento do interno da comunidade eclesial existente. Isso inviabiliza um trabalho a partir dos dons de cada membro ou da comunidade. Dificultando ainda mais o contato e o conhecimento externo. A boa evangelização depende da busca pela unidade dos diversos núcleos que formam as paróquias territoriais.

### **1.3 Diversidade territorial**

Compreendido o que seria a circunscrição paroquial, a partir da renovação conciliar, e a quem de direito pertence o governo dela, cabe agora uma breve explanação de algumas das diversas realidades que se inter cruzam no território adscrito a uma paróquia. Não parece ser difícil compreender que a diversidade sempre foi um desafio ao mesmo tempo que foi e é riqueza das comunidades cristãs.

A missão realizada por Paulo assinala a diversidade das comunidades cristãs. O apóstolo fez com que cada comunidade não dependesse de missionários itinerantes, criando várias comunidades que, autonomamente, desenvolviam-se a partir dos diversos ministérios. Contudo, mantinha com elas certo vínculo por cartas, visitas e envio de delegados, efetivando uma colegialidade entre elas. (ALMEIDA, 2009 p. 29)

Também em Atos se identifica as dificuldades que a comunidade cristã deve enfrentar diante da diversidade de seus membros e a urgência de um novo

ordenamento: “[...] aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária” (Cf. At6,1). São realidades que se interpenetram no território e, principalmente, nas relações interpessoais, fazendo surgir comunidades ricas em dons, para o crescimento de todos, à medida que vão surgindo novos conflitos e necessidades.

Na atualidade, as paróquias, principalmente as urbanas, concentram em seu território de missão, pessoas dos mais diversos grupos e condições. Um quadro infinito de realidades, de faces, de autoridades, impossível de ser esgotado. Há quatro condições sociais que podem servir de exemplo da diversidade territorial que estão sob a responsabilidade das paróquias. São elas: a dos crentes; a dos não crentes; a dos pobres e a dos ricos. São realidades que tocam a todos, seja os que estão em uma dessas condições, seja por não ser possível descartá-las, ao menos, do horizonte de possibilidades do homem.

Entende-se por crentes as pessoas que participam das mais diversas denominações religiosas. Nessa categoria estão os cristãos católicos que levam essa marca de universalidade porque devem servir a todos (BRIGHENTI, 9006, p. 144). É muito difícil constatar que, em uma Paróquia territorial, não haja outras denominações religiosas, sejam elas cristãs ou não. As comunidades religiosas se inter cruzam territorialmente formando um terreno de atuação do diálogo inter-religioso que exige compromisso com a unidade, com a busca pelo que as une.

Do mesmo modo, há pessoas não crentes que vivem segundo seus princípios éticos e morais, colaborando e interagindo com o seu meio social. Essas duas categorias de pessoas: crentes e não crentes estão divididas entre pobres e ricos em diversos níveis. Sujeitos às intempéries que cada estado de vida pode condicionar. Olhando a realidade da diversidade humana, o Concílio Vaticano II afirma:

[...] por vezes, as circunstâncias são tais que, por algum tempo, não há possibilidade de propor direta e imediatamente a mensagem evangélica; então, os missionários podem e devem com paciência, prudência e ao mesmo tempo com grande confiança, ao menos dar testemunho da caridade e da beneficência de Cristo e assim preparar os caminhos do Senhor e de algum modo torná-lo presente. (AG, n. 6)

Assim se apresenta a dinâmica pastoral da Igreja: Igreja, como servidora do Mundo, tendo a missão de encaminhar os homens ao Reino como finalidade de sua existência. Sendo esta sempre servidora, sinal do Reino de Deus no mundo. (BRIGHENTI, 1996, p. 35)

### **1.3.1 A diversidade humana como campo missionário**

Dentro dessa dinamicidade social apresentada acima, há várias outras que se apresentam na realidade territorial. Por isso, o conhecimento de cada realidade paroquial tem que ser assumido pela comunidade cristã que busca a comunhão, que não é “[...] uma mera unidade ou obediência ao papa e aos bispos, mas a unidade da diversidade de seus membros e, destes, com todo o gênero humano” (BRIGHENTI, 2006 p.11). A missão territorial passa a ser missão no homem, com todas as suas vicissitudes. A linguagem que comunica vida deve ser a utilizada para unir o mundo pela evangelização. É a linguagem do amor encarnado, que torna visível a ação de Deus no chão que os cristãos tocam por toda parte. A paróquia e a sua circunscrição abrigam de tudo, e ela, por natureza, tem a missão de encarnar, pelos batizados, o Cristo na vida dos que aí existem, pisam o seu chão e, direta ou indiretamente, reclamam por compaixão.

No que toca à pluralidade social, deve haver um certo cuidado, pois pode surgir uma divisão insuperável, quando existe incomunicabilidade entre os valores de cada grupo, quando se deixa de colher os frutos do diálogo entre os diferentes e se passa para a pobreza do fechamento em si. Isso é totalmente contrário à busca de unidade. “Por isso não tem sentido um pluralismo absoluto, sendo capaz de vida e desejável somente um pluralismo relativo, que se desenvolva no seio de coisas fundamentais tidas em comum” (EICHER, 1993 p.691).

Existindo pluralismos religioso, político, social, entre outros, não há como escapar do risco do relativismo ou, até mesmo, do niilismo (EICHER, 1993). Visto isso,

[...] Cabe aos direitos humanos especial importância. Pois neles se trata, já a partir do conceito, de direitos que são válidos independentemente de condições pessoais e sociais, de constelações políticas e condicionamentos histórico-culturais. (EICHER, 1993 p.691)

A paróquia, nesse sentido, é desafiada a ser uma estrutura que dê exemplo de pluralidade saudável, tendo em vista que “nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração” (GS, n. 1), se ela pretende ser comunidade de discípulos de Cristo ou comunidade de comunidades (EG, n. 28). Os direitos de cada homem devem ser o ponto de medida para tolerância, sem a qual não é possível a liberdade do diferente, muito menos o contato pastoral, exigido pela missão.

### **1.2.3 As forças sociais**

Nesse ponto, a comunidade paroquial deve procurar conhecer as forças vivas não eclesiais, mas que tenham ideais e trabalhos concretos de ação comum. É o caso dos órgãos públicos ou privados que mantenham serviços de promoção humana, na busca por colaboração mútua. Escolas, hospitais, grupos de encontros, áreas de convivência, associações de moradores e tantos outros organismos que compõem os territórios adscritos às paróquias que podem receber a contribuição evangélica, seja pela palavra proclamada ou pelo testemunho da presença cristã. O contato com essas forças facilita a evangelização e faz crescer o raio de atuação pastoral. Tendo em vista que a ninguém falte o alimento verdadeiro por falta de rebaixamento dos discípulos de Cristo às realidades postas. Pois “tentar colocar-se fora do mundo não deixa de ser uma maneira de continuar dentro do mundo de forma alienada” (BRIGHENTI, 2006, P. 21).

### **1.3.3 Pastoral de manutenção**

Desde o início da Igreja, a ação missionária esteve sob a incumbência de uma comunidade, como se vê no relato de Mateus (28,19-20): “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo[...]*” e depois em Atos (1,8): “*Mas recebereis uma*

*força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra*". Esses textos evidenciam a responsabilidade comunitária da instauração do Reino de Deus em todo o mundo.

Não se pode, portanto, pensar no Reino de Deus sem o caráter comunitário da ação evangelizadora, bem como sem a manutenção da vivência comum daquilo que é constitutivo do reino: o amor aos irmãos a exemplo de Cristo. É no amor de Cristo que as primeiras comunidades dão início à vivência eclesial. Isto é, as Igrejas domésticas (*domus Ecclesiae*) (BRIGHENTI, 2006, p. 116) que viviam uma intensa experiência de vida a serviço um do outro (Cf. At2,42-47).

Com o crescimento das comunidades, principalmente pela ação missionária de Paulo, os cristãos se tornam cada vez mais diversos no que toca à condição social. No meio desse crescimento aparecem os primeiros sinais de uma estrutura que quer dar estabilidade para as comunidades que vão surgindo, são os ministérios dados a algumas pessoas para o cultivo de cada comunidade local. (ALMEIDA, 2009, p. 30). Contudo, o que interessa aqui é o olhar para a formação das comunidades a partir da reunião entorno do querigma cristão (BRIGHENTI, 2006, p. 91), é para o anúncio da boa nova do Reino que as primeiras comunidades foram se formando e crescendo, chegando ao que hoje entendemos como paróquia.

A paróquia, em suas diversas realidades, ainda é o ponto de referência para a evangelização humano-territorial. Nela se mantém a unidade pela manutenção dos sacramentos, principalmente da Eucaristia. Pois se tem a convicção "[...] de que a principal manifestação da Igreja se realiza na participação plena e ativa de todo o povo santo de Deus, [...] na mesma eu Eucaristia, [...] presidida pelo Bispo rodeado por seu presbitério e pelos ministros" (SC, n.4)

#### **1.4.1 A circunscrição humana, único interesse da paróquia**

A estrutura paroquial pode se revelar um bem quando aberta às renovações pastorais, fruto de leituras fiéis do Concílio Ecumênico Vaticano II. Mais precisamente, seguindo o que diz o número 1 da *Gaudium Et Spes*, a saber:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem. São também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração. Com efeito, sua comunidade compõe-se de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo em sua peregrinação para o Reino do Pai e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por tal motivo, ela se sente real e intimamente ligada ao gênero humano e a sua história. (GS, n. 1)

A história humana vai mostrando as exigências da constante renovação da atuação pastoral, em vista da melhor forma de evangelização. Os territórios paroquiais vastos, por seus terrenos humanos, exigem uma atuação que parta do reconhecimento das realidades que condicionam a vivência comunitária e particular de cada homem. Entendendo, assim, o homem com o único território onde pode germinar a semente do Reino. É por sua consciência que o ser humano faz florescer em si e no mundo a fé. Como ensina a *Gaudium et Spes*,

[...] De fato, o homem tem uma lei inscrita por Deus em seu coração; obedecer-lhe é sua própria dignidade e de acordo com ela será julgado (Rm2,14-16). A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem, qual ele está sozinho com Deus, cuja voz ressoa em seu íntimo. Pela consciência, descobre-se de modo admirável aquela lei, que se cumpre no amor de Deus e do próximo (Mt22,37-40; Gl5,14). Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos homens na busca da verdade e na solução de muitos problemas morais que surgem tanto na vida individual quanto na social. Portanto, quanto mais prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por conformar-se a normas objetivas de moralidade. Contudo, não raro acontece que, por ignorância invencível, a consciência erra, embora sem perder sua dignidade. Isso, porém, não se pode dizer quando o homem pouco se preocupa em procurar a verdade e o bem e, pelo hábito do pecado, pouco a pouco a consciência se torna quase cega. (GS, n.16)

A consciência de que o homem está sujeito às vicissitudes do chão em que pisa deixa claro que a pastoral não cumpre o seu papel com eficácia quando está restrita à manutenção de estruturas estáticas, caducas, que não se modificam a partir das exigências das realidades humanas existentes. Sobre isso, a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe já se manifestou: “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação [...]” (DAp, n. 370).

A pastoral deve estar em atitude constante de missão e requer empenho de vida, para ver, escutar e agir (MM, n. 235). Tudo isso requer um contato diário com as realidades, uma presença encarnada na realidade humana com especial

atenção aos mais vulneráveis. Para isso se exige a profissão constante da *opção preferencial pelos pobres*, que é uma orientação aprimorada e atestada desde Medellín até Aparecida. (SOUZA, 2022, p. 136 – 150)

A escuta dos sinais dos tempos (DM, n. 3, p. 129) dá à relação da Igreja com a historicidade dos povos ferramentas para a renovação diária de suas ações e estruturas. Não são as estruturas que fazem a evangelização, mas as dinâmicas humanas. É, em última instância, o homem sujeito da sua história de vida, condicionado pelo seu meio, pelo chão que pisa. A existência de uma pastoral eminentemente missionária coloca as paróquias em uma postura de saída de si mesmo.

Assim será possível que "o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial" com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária. (DAp, n. 370)

Sem que a conservação das estruturas seja mais importante do que a fidelidade ao evangelho. Há sempre o risco de querer, por medo, conservar o que já se tem, porém, a renovação deve acontecer, sempre em dois níveis, *Ad intra* para gerar uma nova forma de ser *Ad extra*. (GALDINO, 2013) A renovação interior deve reafirmar a missão originária da paróquia: ser comunidade de fé, esperança e caridade, imagem visível da Igreja de Deus (LG, n. 8). Nesse processo há um crescimento bilateral das pessoas tocadas pela comunhão de amor dos irmãos do Senhor e da própria comunidade paroquial que se alarga pelos dons do Espírito que há nas culturas e nas pessoas em particular abraçadas pela missão renovada no encontro.

O dado conclusivo dessa reflexão cai sobre a figura do sacerdote pároco, visto sua importância na configuração eclesial do governo paroquial. O documento de Aparecida, ao tratar do ministério Sacerdotal, assim se expressa,

A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas, ao mesmo tempo, ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração. (DAp, n. 201)

Sendo o pároco o primeiro servidor da comunidade, compete a ele o primeiro incentivo à obra da evangelização. O cuidado com os membros das comunidades que se formam no interior da paróquia vai se revelando na atitude exemplar de busca por quem está fora. Com o desejo de cuidar, libertar, saciar, nunca de manipular a favor da estrutura, pois é a pessoa a causa e o fim da evangelização, não a estrutura.

## SEGUNDO CAPÍTULO

### 2. A Igreja acolhedora da humanidade

A posposta do segundo capítulo é apresentar os sinais de acolhida da Igreja existente na paróquia, que se apresenta como servidora da humanidade. Refletindo, sobretudo, sobre a importância da sensibilidade humana no contato pastoral, como possibilidade para o aprimoramento e renovação exigida para uma acolhida que só pode se dar pela experiência, como o amor de Deus que salva, eliminando o preconceito e a pretensão do julgamento humano-cultural.

#### 2.1 A acolhida

Indubitavelmente, uma das palavras que deve guiar todo o esforço de uma pastoral paroquial é a busca pela renovação, a partir do contato com a realidade territorial-humana, é a acolhida. Uma ação missionária, alicerçada no Cristo Bom Pastor, reclama uma acolhida sem preconceitos, que chama: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso.” (Cf. Mt 11,28). Uma pastoral acolhedora é um grito profético em meio às incompreensões, exclusões, falta de diálogo, e entre tantas outras coisas que causam fechamentos egoístas na sociedade atual. A paróquia que não abraça o seu campo de atuação de maneira acolhedora não se faz testemunha do Reino. Ao contrário, acaba por entrar na grande fila dos que pregam a divisão.

A acolhida pastoral coloca os sujeitos da ação evangelizadora no caminho da cruz, ou das cruzes. Os batizados que assumem a sua cruz encontram, pelo caminho, os irmãos excluídos que penam sob o peso de suas vidas. Vidas sofridas pedem acolhida, escuta, atenção, cuidado e respeito. Essa atitude louvável e benfazeja, a de acolher o outro em sua vulnerabilidade, nem sempre acontece. Porém, é notório que estas pessoas pertencem ao Reino, seja qual for sua condição. O que determina a acolhida de uma pessoa é a sua dignidade de ser humano, (GS, n.12) nunca o que um ou o seu grupo pensa ou faz. Há que se ter a acolhida para que se haja toda e qualquer conversão que só pode ser posterior à experiência de amor com Cristo, a partir dos irmãos.

A missão messiânica de Cristo tomou, desde seu início, o caráter acolhedor. Esse caráter não tem outra função senão a de resgatar os excluídos e pequenos de sua indignidade, vítimas de uma sociedade excludente. Confirma isso Senén Vidal, quando diz que “[...] o projeto de Jesus teria por finalidade a renovação de todo o povo de Israel, e não a formação de um grupo especial dentro do mesmo.” (VIDAL, 2009, p.132) Hoje, as comunidades que formam a paróquia, parte do novo povo de Deus, chamado a anunciar o evangelho, não podem se esquivar da missão acolhedora que resgata o valor da dignidade de todos os homens. Vidal resgata no evangelho essa proposta missionária de inclusão dos pequenos, pois, segundo ele,

[...] Esta teria por objeto reunir e libertar as "ovelhas perdidas" de Israel (Mt10,5; 15,24), que representavam todo o povo humilhado e abatido, que não tinha pastor (Mc 6,34; Mt9,36). A todo esse povo oprimido, formado por "pobres", "famintos" e "aflitos", era proclamada a libertação que se aproximava com o acontecimento do Reino de Deus, conforme as bem-aventuranças de Q 6,20-21 [...]. (VIDAL, 2009, p.132)

Contudo, a libertação trazida pela acolhida de Jesus não era, em partes, exclusiva. Ele não queria a perdição de ninguém, mas a conversão de todos. Por isso, as ações de resgate da dignidade dos pequenos serviam de alerta para o pecado dos opressores. Assim afirma Vidal:

Também as ações que Jesus realizava como sinais efetivos da presença do Reino de Deus teriam por marco a existência de todo o povo. As refeições abertas aos pobres e marginalizados, as curas dos endemoninhados e enfermos, o perdão dos pecadores, a acolhida dos pequenos e excluídos... Eram ações dirigidas aos representantes do povo humilhado, despojado de seu direito ao desfrute da terra, possuído pelo poder da maldade, enfermo e pecador (Mc 2,17), ao qual deveria libertar e restaurar lhe a vida. Não se tratava, pois, de gestos de ajuda a indivíduos isolados, mas da restauração dos membros do povo perdido. (VIDAL, 2009, p.132-133)

### **2.1.2 A sensibilidade acolhe os imprevistos da pastoral**

A transformadora ação pastoral pela acolhida do outro se dá de forma mais efusiva quando a sensibilidade a promove sem desmerecer os planos e as diretrizes para a ação evangelizadora, próprios de cada Igreja particular. São de

suma importância, trazem indicativos para o trabalho com as particularidades de cada porção do povo de Deus. Mas a sensibilidade é a porta de entrada para as situações inesperadas, urgentes ou que, às vezes, estão fora de toda e qualquer estrutura pastoral que as acolha de forma mais especializada, mesmo que não sejam novas, mas esquecidas pelo preconceito e rigidez para com a renovação eclesial. (EG, n.49)

O contato de sensibilidades, sensibilidade acolhedora e sensibilidade acolhida, gera os desafios da missão nas realidades territorial periféricas. Só a sensibilidade faz compadecer, provoca a *kénosis*. Castillo escreve:

Aquele que é sensível diante da dignidade, dos direitos ou da dor de outra pessoa, se comportará de maneira correta com quem estiver diante dele. Do mesmo modo aquele que é insensível diante das situações humanas com as quais se depara na vida, por muitas que sejam as ideias morais que tenha armazenado em sua cabeça, será um indigno, um indiferente diante da dor alheia, definitivamente, um violento.” (CASTILLO, 2010, p.16)

A capacidade de perceber “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem” (GS, n.1) é condição para uma pastoral paroquial que assume o território humano de sua circunscrição. Mesmo que sejam contatos sem obrigação jurídico-canônico, pois é o encontro com o que é verdadeiramente humano que deve circunscrever os limites da ação pastoral de uma paróquia de acolhida.

A ação acolhedora das comunidades de cada paróquia depende do nível de tolerância para com o diferente, que se não tende ao crescimento constante, impede a continuidade da missão evangelizadora diante dos povos. Tendo em vista que a sociedade, principalmente no perímetro urbano, sofre com um acelerado processo de mudança. Castillo escreve que,

As pessoas já não são como eram até há poucos anos. Trata-se de uma mudança acelerada. Os jovens mudam mais rapidamente que os adultos. E as crianças nos surpreendem todos os dias com coisas que antigamente não se faziam ou não se perguntavam. O fato é que o que está mudando são as crenças, os valores e as identidades. As pessoas já não acreditam naquilo em que acreditavam antes. Nem se dá importância ao que antes se dava. Definitivamente, somos diferentes. Ou seja, está emergindo um novo tipo de homem, um novo tipo de pessoa. (CASTILLO, 2010, p.16)

Essa realidade social cria uma grande complexidade para elaboração dos planos pastorais. E, diante de tantas surpresas que as mudanças trazem, a cada dia, as realidades familiares, religiosas, culturais, económicas, políticas e tantas outras; a disposição para a tolerância é o único caminho para não permitir o fechamento das comunidades ao homem do seu tempo. Sobre a tolerância,

[...] A sua forma mais forte, o livre reconhecimento do outro e diverso, funda-se em última instância na dignidade e liberdade de toda pessoa humana. Por isso a tolerância não consiste somente em toda indulgência para com as características e fraquezas dos semelhantes em humanidade, que se pode pedir por parte deles e se pode espontaneamente conceder-lhes. Visto que, sem o reconhecimento mútuo, não se torna possível a vida comum de iguais direitos entre pessoas auto-responsáveis, a tolerância redonda ser uma condição fundamental da justiça na vida comum humana em liberdade e, como condição de justiça, é exigência que a ninguém é lícito negar. (EICHER, 1993, p. 692)

Nesse sentido, o tolerar o outro marca a condição de existência da comunidade social. Seguindo esse princípio, a realidade territorial deve ser acolhida e transformada em lugar do exercício da tolerância. O encontro com as pessoas deve gerar nos membros da paróquia um movimento interno, espiritual e intelectual, na busca de compreender cada pessoa que se apresenta com suas particularidades e que precisam de acolhida.

Acolher com tolerância não necessariamente é aceitar o que os indivíduos ou grupos fazem ou pensam. É, antes, fazer caminho em busca da verdade:

Para a tolerância ativa pode-se mencionar não só o princípio (moral-político) da liberdade, mas também o interesse teórico pela verdade. Visto que o conhecimento humano é limitado, o livre confronto de opiniões oferece a melhor possibilidade à verdade do que a pertinácia "intolerante", ou seja, dogmática e fechada à crítica, na convicção uma vez formada. (EICHER, 1993, p. 692)

É bem verdade que há valores inegociáveis para o cristão, porém sem uma acolhida respeitosa, sobretudo, caridosa do outro, nunca haverá caminho em direção da Verdade. Essa verdade maior que é o Cristo, pela qual se quer

transformar as realidades humanas. Contemplar a vida de Cristo, vendo como ele tratava os diferentes ou excluídos do seu tempo é entender que o coração da Igreja nunca pode se fechar ao irmão, pois Jesus foi um homem de mudanças. Assim coloca Castillo,

[...] Com efeito, Jesus mudou muitas coisas. Todavia, de tudo o que Jesus modificou, o que mais chama a atenção, sem dúvida, é a mudança que introduziu nos valores que devem reger a vida das pessoas e na conduta que têm de adotar aqueles que pretendem assumir a forma de vida traçada pelo Evangelho... As mudanças introduzidas por Jesus, mediante sua forma de entender a ética, foram tão profundas que surpreenderam, desconcertaram e até escandalizaram muita gente. Nesse sentido, o que mais chama a atenção é o fato de que Jesus desconcertou e escandalizou principalmente as pessoas mais religiosas de seu tempo. Os pecadores, os publicanos, as prostitutas, as mulheres de má fama, os excluídos da sociedade, toda essa espécie de "chusma" (como dizem os "observantes") estava encantada com Jesus e o seguia entusiasmada. Isso quer dizer que aquelas pessoas infelizes se sentiam bem com Jesus, sem dúvida, porque ele as compreendia, as acolhia, nunca lhes jogava nada na cara, tratava-as com respeito e, por certo, aquelas pessoas que, para os "respeitáveis", eram uns desventurados, sempre encontravam carinho em Jesus. (CASTILLO, 2010, p.17)

### **2.1.3 Jesus: o homem da acolhida**

Sendo Jesus um homem de acolhida, o que esperar da comunidade paroquial senão ser a estrutura mais acolhedora de toda a sociedade em que ela esteja? Onde todos os que chegam ao seu espaço geográfico encontrem comunidades dispostas ao diálogo, tolerantes, diversas, acolhedoras e abertas a renovações. Onde possa causar escândalo diante da sociedade intolerante formadora de "bolhas ideológicas" (BOCCATO, 2021 p. 157), por vezes causadoras de opressão, que pouco ou nada se importam com as situações de exclusões que a falta de acolhida do diferente causa. Segundo o documento da conferência de Aparecida,

O fato de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos tenham vida nEle, leva-nos a assumir evangelicamente, e a partir da perspectiva do Reino, as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano. O amor de misericórdia para com todos os que vêm vulnerada sua vida em

qualquer de suas dimensões, como bem nos mostra o Senhor em todos os seus gestos de misericórdia, requer que socorramos as necessidades urgentes, ao mesmo tempo que colaboremos com outros organismos ou instituições para organizar estruturas mais justas nos âmbitos nacionais e internacionais. É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos. Igualmente, requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais. (DAp, n. 384)

O espaço de acolhida, sem dúvidas, não pode se esquivar do discernimento comunitário, que pauta os discernimentos particulares. As pequenas comunidades que possibilitam existência do caráter pessoal de relação, coisa que as grandes comunidades carecem, tem a precedência nesse trabalho. A comunicação próxima no celebrar e no trabalho-pastoral-missionário pede um constante discernimento comunitário, provocado pelo conhecimento interpessoal. Os membros se conhecendo mutuamente expõem, direta ou indiretamente, as suas realidades internas e externas, provocando um trabalho de discernimento comunitário que possibilita respostas mais assertivas para a vida em suas várias dimensões.

Uma comunidade que não faz discernimento comunitário deixa de ser comunidade de discípulos de Cristo, passando do acolhimento ao autoritarismo. O discernimento requer uma assessoria especializada, visto que um pensamento que não tem fundamentos tende a desmoronar na primeira contenda. A figura dos teólogos nas comunidades cristãs indica a possibilidade de um trabalho que encontra bases sólidas na Tradição, nas Escrituras e no Magistério vivo da Igreja. Não há como estabelecer diálogo sem um aprofundamento na fé. Aqui está a chave para o alargamento do Reino: O conhecimento mútuo, que leva ao confronto das realidades existenciais com a fé. É preciso, então, estar preparados para dar as razões do que se crê (Cf. 1Pd 3,15).

### **2.2.1 Renovação das estruturas**

O caminho pastoral paroquial que tem o ser humano como terreno de missão é construído na ação que gera contemplação, sistematização, teologia e, conseqüentemente, comunidades renovadas. Não há um momento de parar, há o momento da reverência, de tirar as sandálias dos pés pelo reconhecimento do lugar santo em que se está a pisar, a exemplo de Moisés, prestes a receber a missão de libertar o povo (*Cf. Ex5*). O momento do “ver, julgar e agir” (MM, n. 235); da renovação, não como conformação, mas como integração do espaço existencial, objetivo e subjetivo de cada homem.

As estruturas para a ação missionária na circunscrição paroquial exigirão do agente de pastoral uma consciência bem alicerçada na singularidade e na diversidade de cada pessoa. Visto que,

A centralidade da pessoa no ministério de Jesus, bem como na obra da Criação, faz do ser humano o ponto de partida e de chegada da ação pastoral. O conceito de pessoa é uma construção cultural, relativamente recente. A consciência atual do ser humano como sujeito de direitos e dotado de uma inalienável dignidade, independentemente de sua condição social, apoia-se sobre o valor eminente que tem precisamente por ser pessoal. Entretanto a revelação judeo-cristã, codificada nas Escrituras, guarda, zelosamente, a consciência desse tesouro absoluto em Deus. Daí, também, decorrem atitudes, comportamentos e ações concretas a partir da fé. Por aí começa a pastoral, ocupando-se de cada pessoa homem e mulher, em seu contexto sociocultural, para que se realize como ser humano, em uma comunidade, inserida no emaranhado das relações sociais. (BRIGHENTI, 2006, p. 156)

Priorizando a pessoa e suas vicissitudes, a renovação das estruturas para ação pastoral no território fará da paróquia uma servidora atenta à caminhada de vida individual e comunitária de todos. Não é um trabalho simples, mas é uma resposta necessária na busca do diálogo com o mundo, proposto pelo Vaticano II (GS, n. 3). Um diálogo de coração aberto promovido pelo contato constante com as realidades em que se encontram os homens. É a partir do encontro entre comunidade missionária e sociedade que surgem as perguntas sobre a atualização e efetividade das atuais estruturas: ajudam a ver, a julgar, e, principalmente, a agir?

Ao descrever o percurso da formação da teologia pastoral, Brighenti coloca que,

Sobretudo a *Nouvelle Théologie*, gestada ao redor da Escola de Saulchoir, mas também K. Rahner e E. Schillebeeckx fizeram a teologia dar um grande passo ao articular um novo método teológico a partir da emancipação da razão individual e da subjetividade transcendental. A teologia continua a falar de Deus, mas falando do ser humano, situado no contexto da Modernidade, dotado de uma razão emancipada diante da fé e imerso numa realidade autônoma em relação ao sagrado. Passa-se de um contexto teológico de unanimidade cristã e cultural para a busca de justificação da contribuição da fé para a realização humana e o aperfeiçoamento da sociedade secular. Para isso, o ponto de articulação do discurso da fé já não pode ser uma leitura simbólica ou conceitual da revelação, mas uma releitura das fontes reveladas desde o nível performativo da mensagem, ou seja, em diálogo com a experiência de fé dos cristãos e com os questionamentos oriundos de uma racionalidade emancipada diante da fé. A filosofia da história, elaborada pelo idealismo, sobretudo a emancipação da razão prática, já haviam colocado as bases para um discurso que fizesse da história um verdadeiro *locus theologicus*. (BRIGHENTI, 2006, p. 48)

Com a história humana e seus questionamentos passando a ser considerada para a reflexão teológica, não resta dúvidas da relevância da constante busca da paróquia pelo contato com todos os que passam pelo seu território. “As paróquias têm um importante papel na vivência da fé. Para a maioria de nossos fiéis, elas são o único espaço de inserção na Igreja.” (DGAEIB, n. 99). O chão que o homem pisa passa a ser o lugar da construção teológica. A realidade social é o campo de encontro entre a fé e a razão, entre o indivíduo e a comunidade cristã. Assim,

No século XIX, pouco a pouco, foi-se desenhando o perfil da teologia pastoral como uma nova disciplina teológica. Ela deixará de ser um apêndice da moral, do direito canônico ou da teologia dogmática e se transformará em dimensão constitutiva e fundamental da teologia como um todo. Antes, as diferentes disciplinas teológicas continham a teologia pastoral; agora, é a teologia pastoral que passa a constituir o chão sobre o qual se edificam as outras disciplinas. Uma sã teologia, útil para a Igreja em sua tarefa evangelizadora, ou tem uma dimensão pastoral, ou deixa de ser eclesial. E não há autêntica teologia cristã sem ser teologia eclesial, porquanto o intérprete autorizado da revelação é sempre a comunidade de fé, ainda que sujeita à autenticação por parte do magistério. A rigor, o sujeito de uma autêntica teologia cristã é a comunidade eclesial. Assim foi para a definição do cânon da Bíblia, assim continua na tarefa de tirar deste baú "coisas novas e velhas". (BRIGHENTI, 2006, p. 50)

### 2.2.2 A importância das comunidades

Dito isto, percebe-se a importância das comunidades que formam a paróquia, pois gestam o que será articulado pelos teólogos e aprovado pelo magistério para uma futura configuração teológica. Para que isso se faça com eficácia, é válido a procura por estabelecer contato entre a paróquia e os centros acadêmicos teológicos e seculares, visando um crescimento da Igreja Universal a partir do diálogo com as estruturas mais básicas de comunidades eclesiais, que existem no território paroquial.

Na maioria das paróquias, os únicos teólogos de formação são os clérigos. Contudo, os processos de diálogo e propostas de ação surgidas nas comunidades devem encontrar formas de contato com a teologia da Igreja. Para que se aproveite o que é colhido nas comunidades, que mantêm o caráter de personalidade nas suas relações. Para isso, se não é possível o incentivo de centros teológicos em cada território paroquial, a estrutura diocesana ou ao menos da província eclesiástica deveria buscar gestar os meios possíveis para esse trabalho em conjunto, (AG, n. 22) visto ser um ponto muito relevante para a renovação não só local, mas universal da Igreja, que é um corpo integrado (LG, n. 7). Toda a busca por articular os modos de renovação da paróquia a partir do homem e sua história no contato com a comunidade eclesial está para evitar a caducidade e a falta de vivacidade da ação cristã no mundo, pois

A fé cristã não consegue sobreviver sem interpretação; a mensagem da revelação exige uma exegese contínua, não para expressar o conteúdo do Evangelho de maneira nova, mas para expressar a mensagem da revelação conforme as circunstâncias contemporâneas, de tal forma que ela adquira uma importância e plausibilidade para a vida concreta dos seres humanos. Se o desafio da teologia de interpretar os conteúdos da fé cristã de forma contemporânea é levado a sério, ela não pode se satisfazer com a mera repetição das verdades cristãs em suas formas antigas. Antes precisa ter em vista o ser humano e os sinais do tempo e mediar o conteúdo e a verdade da fé para o presente. Uma teologia com orientação pastoral busca a atualização da fé (*aggiornamento*) (OT 14-16). (BÖTTIGHEIMER, 2014, p. 49)

Reconhecido o valor da especulação teológica para a vivência da fé, os responsáveis por animar as comunidades da paróquia têm a missão de ser ponte entre os espaços existenciais humanos e os teólogos, que precisarão ter acolhida para os seus trabalhos de pesquisa. Haja vista que os teólogos não

podem fazer teologia sem o devido contato com as realidades existenciais. Para que se evite o trabalho exaustivo, tanto no fazer teologia como no trabalho pastoral, sem que exista frutos concretos, a exemplo da acolhida do diferente, por falta de concretude dialógica entre os estudiosos e as comunidades. Por isso,

[...] a repetição de atividades sem incidência concreta na vida das pessoas permanece uma tentativa estéril de sobre vivência, diversas vezes acolhida pela indiferença geral. Caso não se viva o dinamismo espiritual comum da evangelização, a paróquia corre o risco de se tornar autorreferencial e de se estagnar, propondo experiências, por enquanto, privadas de sabor evangélico e de ardor missionário talvez voltadas somente a pequenos grupos. (CPC, n. 17, documento 63)

A missão da paróquia é dinâmica, circunscrita ao homem e em sua comunidade e história. Se há mudanças antropológicas, isso acontece na história e modifica a forma de relação dos homens. A Igreja, que está na história, deve acompanhar como lugar de alternativas dialógicas, pois

Além dos lugares e das razões de inserção, a comunidade paroquial é o contexto humano no qual se realiza a missão evangelizadora da Igreja, celebram-se os sacramentos e experimenta-se a caridade, em um dinamismo missionário que - além de ser elemento intrínseco da ação pastoral torna-se critério de verificação da sua autenticidade. (CPC, n. 19, documento 63)

Se as comunidades que formam a paróquia não conseguem congregar os batizados em torno de uma missão aberta às realidades do mundo elas deixam de fazer parte da Igreja, pois não efetuam a nota de Católica (universal), que tem o desejo de transmitir a universalidade da salvação (Cf. Ef 1,23), fechando-se a um grupo, sem a perspectiva da unidade, do anúncio e da conversão das nações. Perdem também a imagem da Igreja corpo de Cristo (LG, n. 7), visto que é desejo da cabeça (Cristo) que os membros trabalhem a serviço de todos, principalmente dos pobres. Faltando abertura ao novo se exclui o mundo da perspectiva missionária cristã, havendo, enfim, um fechamento à Caridade (Amor).

### **2.3.1 O Julgamento do amor**

Ao empreender toda e qualquer ação pastoral que se pretenda renovada e acolhedora, a paróquia, “[...] Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas” (CL, n. 26) deve ser testemunha do amor de Deus para com os homens, porque “aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor”. (Cf. 1Jo 4,8) Assim, as relações dos batizados devem ser pautadas no amor a Deus e aos irmãos, visto que “se alguém disser: "Amo a Deus", mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (Cf. 1Jo 4,20)

É importante destacar, sobretudo, a busca por amar a Deus na pessoa do irmão. É com e na comunidade de fé que se realiza a missão pessoal e o Reino é anunciado e testemunhado pela vocação de cada homem, que se abre à vida em Deus. Essa vida em Deus, entendida segundo Queiruga, que, citando Santo Irineu fala da relação de Deus e do homem como possibilidade de vida em plenitude, que quando efetivada é sinal da glória de Deus. A saber,

“A glória de Deus é o homem vivo”, ou seja, a pessoa humana em sua plenitude. Essa frase de santo Irineu - que remonta, portanto, aos próprios inícios do cristianismo no século II - fez fortuna na teologia dos últimos tempos. Fortuna bem merecida, aliás, porque expressa bem uma intuição que cada vez com maior força bate na consciência religiosa atual: a presença de Deus na vida humana só pode ter sentido e meta se afirmar e confirmar de imediato sua plenitude. (QUEIRUGA, 1999, p.78)

Diante disso, a avaliação de toda e qualquer afirmação teológica ou instrumento pastoral de ação deve visar a plenitude do ser do homem. Não há possibilidade de acerto em uma intervenção teológica-pastoral que anule, prematuramente, as aspirações, desejos, modos de se portar, visões de mundo, relações, linguagens e inúmeros outros movimentos humanos, que nascem do mais profundo do seu ser. O contato interpessoal, o estudo social, cultural, político, atestam a complexidade em que está envolvida e, conseqüentemente, influenciada cada pessoa. Muito das motivações humanas são desconhecidas, até mesmo do próprio sujeito. Uma intervenção missionária abrupta pode se caracterizar, a curto ou a longo prazo, em uma negação do próprio Deus amor, e com justiça, visto que é inegável que a salvação de Deus se dá na liberdade e

sem violência. Ela se dá na busca apaixonada pela integralidade da dignidade do homem (Cf. Jo10,10).

### 2.3.2 A questão da evangelização no “novo mundo”

Exemplo forte de intervenção abrupta, sem acerto na forma de contato com comunidades na ação missionária; são as reduções à fé cristã (europeias), realizadas nas colonizações feitas pelos reinos cristãos. Segundo o imaginário de então, “o “Novo Mundo” deveria ser conquistado, subjogado e explorado” (SOUSA, 2022, p. 63). Escreve Sousa:

Este imaginário e prática dos conquistadores pertencia a um horizonte anterior de uma cultura conquistadora que havia surgido no processo da Reconquista. Segundo o pensamento corrente, a vitória contra os muçulmanos impunha uma superioridade espanhola frente a outras culturas. O fundamento jurídico deste contexto é que era legítimo conquistar uma nação cujo monarca não fosse cristão e "a expansão da fé cristã era bem-vista por Deus e estava em Seus planos de redenção dos homens... o lema dos cavaleiros espanhóis na expansão africana - 'ouro, honra e evangelho - tornou-se o objetivo dos conquistadores espanhóis na América" (FERREIRA, 1992, p. 15). A ideia era que a mística e a superioridade espanholas portavam a única e verdadeira fé, daí a intolerância com outras expressões religiosas. (SOUSA, 2022, p. 63-64)

Esse momento do passado mostra as possíveis incompreensões existentes no contato da missão cristã com a diversidade das culturas humanas. Revela o perigo que se assume ao seguir a concepção de que o Divino é uma realidade que se apresenta como algo que vem de fora para dentro das culturas, sem que estas sejam acolhidas com seus valores. Já a nova perspectiva missionária, apresentada pelo Concílio Vaticano II, dá indicativos da importância de valorizar a cultura dos povos a serem evangelizados. Como pede o decreto *Ad Gentes*,

Assim, perceber-se-á mais claramente por que caminhos a fé pode procurar o intelecto, levando em conta a filosofia e a sabedoria dos povos, e de que maneira os costumes, o sentido da vida e a ordem social podem ser conciliados com os costumes indicados pela revelação divina. Daí abrir-se-ão caminhos para uma mais profunda adaptação de todo o âmbito da vida cristã. Tal modo de agir excluirá toda espécie de sincretismo e falso particularismo e acomodará a vida cristã ao gênio e à índole de cada cultura, serão assumidas na unidade

católica as tradições particulares e qualidades próprias de cada povo, esclarecidas pela luz do Evangelho. (AG, n. 22)

O cuidado que se exige hoje, em cada território paroquial, em vista do grande avanço no diálogo com o mundo, gerado pelo Vaticano II, é com o retorno à arrogância institucional, superada legalmente, porém viva na fragilidade do povo de Deus. A Igreja se reconhece perita em humanidade (PP, n. 13), e o é, desde que não deixe de lado o que afirma a *Gaudium et Spes*: “[...] A própria Igreja não ignora quanto recebeu da história e da evolução do gênero humano.” (GS, n. 44) ou seja, a Igreja tem consciência de ser, ao mesmo tempo, mestra e aprendiz em humanidade. Pois

A experiência dos séculos passados, o progresso das ciências, os tesouros escondidos nas várias formas da cultura humana pelos quais a natureza do próprio homem se manifesta mais plenamente e abrem novos caminhos para a verdade, são úteis também à Igreja. (GS, n. 44)

As comunidades paroquiais, imbuídas do espírito de aprendizado, saberão da melhor forma evangelizar o homem do seu tempo, pois o farão a partir da pessoa, e não do que se pressupõe sobre. Não correndo o risco de não levar em conta o que é verdadeiramente divino, pelo simples fato de ser verdadeiramente humano. (QUEIRUGA, 1999, p.84)

Oliveira, ao falar sobre a missão da vida religiosa consagrada, faz uma afirmação que é muito cara à missão paroquial - esta enquanto sinal do amor encarnado no meio dos homens. Sendo assim, ele diz: “Sua missão é humanizar o divino (*Kénosis*) e divinizar o humano (Jo10,36), tomando sempre o partido do ser humano, particularmente dos mais pobres e excluídos” (OLIVEIRA, 2013 p. 62) Por conseguinte, assim se expressa Bosch: (2002, p. 26)

[...] Nunca podemos arrogar-nos delinear a missão com excessiva nitidez e autoconfiança. Em última análise, a missão permanece indefinível; ela nunca deveria ser encarcerada nos limites estreitos de nossas próprias predileções. O máximo que podemos esperar é formular algumas aproximações do que a missão significa.

### 2.3.3 O amor de Deus

É o amor (Deus), em seu mistério, que pode delinear o julgamento de cada realidade. A justiça das comunidades territoriais é a ação acolhedora e integradora dos homens excluídos. A estrutura paroquial não tem outro formato senão o de porta, porta de misericórdia.

A literatura é sempre uma grande leitora da vida humana e dá exemplos de aprofundamento na realidade sem legalismos e preconceitos, entra pela porta da frente da sociedade e proclama existencialidade (s), despida das roupagens que a negligência humana pecadora tende colocar para esconder ou excluir.

Há um conto, intitulado *Mineirinho*, de Clarice Lispector, onde se percebe o drama da literata ao relatar a morte de um assassino alvejado por 13 tiros pela polícia. No conto, ela escreve: “[...] No décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.” (LISPECTOR, 1999, p.124) Seguindo a proposta evangélica do amor aos irmãos, realmente, no assassinado, também morreria, de algum modo, o assassino, mesmo que disso não tivesse consciência. A justiça divina não seria exercida, pois o mal ou o amor negado ao outro é negação do eu, conseqüentemente, negação de Deus, que quer a plenitude para o ser do homem. Escreve o Papa Bento XVI:

O *eros* de Deus pelo homem — como dissemos — é ao mesmo tempo totalmente *agape*. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente, mas também porque é amor que perdoa. Sobretudo Oseias mostra-nos a dimensão da *agape* no amor de Deus pelo homem, que supera largamente o aspecto da gratuidade. Israel cometeu « adultério », rompeu a Aliança; Deus deveria julgá-lo e repudiá-lo. Mais precisamente aqui se revela que Deus é Deus, e não homem: « Como te abandonarei, ó Efraim? Entregar-te-ei, ó Israel? O meu coração dá voltas dentro de mim, comove-se a minha compaixão. Não desafogarei o furor da minha cólera, não destruirei Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou Santo no meio de ti » (Os 11, 8-9). O amor apaixonado de Deus pelo seu povo — pelo homem — é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. Nisto, o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da Cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-Se feito Ele próprio homem, segue-o até à morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor. (DCE, n. 10)

Um trabalho pastoral que não tenha uma verdadeira experiência do amor de Deus perde-se no caminho ao pretender julgar as realidades segundo critérios pessoais. E é preciso deixar claro que o julgamento da realidade no trabalho

pastoral é para salvação: visa atitudes de acolhida e acompanhamento, pois quem é testemunha de Cristo dá testemunho da verdade da sua salvação. “A Igreja não é movida por nem uma ambição terrestre, mas tem apenas um objetivo: continuar, sob a ação do Espírito Santo, a obra do próprio Cristo, que veio ao mundo [...] para salvar e não para julgar (Jo 18,37) [...]”. (GS, n. 3)

#### **2.3.4 O chamado do homem à santidade**

O amor tende à santidade ou a santidade tende ao amor. Isto é, o homem tende a Deus à medida que sente o seu amor. A exemplo da pecadora perdoada, que percebeu uma acolhida suficiente para sentir-se segura em passar pelo meio da sociedade excludente para se derramar aos pés de Cristo, pelo símbolo do frasco de alabastro, que continha sua dignidade (Cf. Lc 7,36-50). Símbolo supremo do amor é a Trindade, pois há entre as Pessoas divinas um enlace recíproco de unidade amorosa (CCUNP, n. 154, documento – 100 da CNBB). O amor, nesse sentido, necessita de um outro, como na parábola do bom samaritano (Cf. Mt 10,25-37), há, então a comunidade humana como campo onde o amor fraterno pode se expandir, pelo serviço ao próximo. A vocação universal à santidade (LG, n. 40), que une todos os cristãos, é, sem dúvida, o caminho que leva a Deus, caminho construído por relações de caridade. Pois o amor cristão não parece ser feito só evitando fazer o mal, mas, sobretudo, na prática do bem, é a caridade efetivada a exemplo de Cristo. Assim,

É, pois, evidente que todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude de vida cristã e à perfeição da caridade<sup>11</sup> e através desta santidade promove-se também na sociedade terrena um modo de viver mais humano. Para alcançar esta perfeição, os fiéis façam uso das forças recebidas segundo a medida da doação de Cristo, para que, seguindo seus passos e feitos conformes à sua imagem, cumprindo em tudo a vontade do Pai, dediquem-se inteiramente à glória de Deus e ao serviço do próximo. Assim, a santidade do povo de Deus crescerá em abundantes frutos, como se demonstra claramente na história da Igreja pela vida de tantos Santos. (LG, n. 40)

É a santidade de alguns que guincha, muitas vezes, atitudes que a comunidade tarda ou deixou de praticar. Por fatores diversos, sem sustentação cristológica e mais por um distanciamento do amor. Pois o Cristo, o Santo de

Deus (Cf. Lc 1,35) deixou a lembrança de sua vida de benfeitor (Cf. At 10,38). Há diversas formas de uma pessoa ser lembrada. Conforme Castillo,

Há pessoas que, quando se vão deste mundo, são lembradas pela carreira que fizeram, pelos cargos que ocuparam, por suas riquezas, seus títulos, seus dotes como autoridade, a importância ou o prestígio de que gozaram. Ou por outras coisas, talvez mais estranhas e até mais extravagantes: seus costumes, sua maneira de falar, seu modo de vestir-se, ou seja lá o que for. O problema está em que quando, a respeito de alguém, o que temos de recordar é seu poder, seus títulos ou seus êxitos, isso quer dizer que provavelmente passou pela vida buscando seu próprio bem, satisfazendo seus desejos, sendo ele próprio o centro de sua vida. Nesse caso, a herança que deixa neste mundo consiste lamentavelmente em perpetuar o amor a si mesmo que todos nós carregamos em nosso amago e, portanto, a ambição ou o orgulho que tanto dano causa a nós todos. (CASTILLO, 2010, p. 48)

Os questionamentos a serem feitos às comunidades cristãs, que habitam o território paroquial, giram em torno da realização da sua missão, que é a vida de qualquer comunidade eclesial (BOSCH, 2002, p. 26). É uma vida voltada para si, ou para outro, uma vida de acolhida ou fechamento. A partir das respostas, se constatará a existência ou ausência da abertura ao amor, que se revela na caridade para com o outro. Para a comunidade paroquial, a caridade evidencia-se em atitudes de ajuda às pessoas que estão à margem do todo social. Tornando o conjunto diocesano uma grande rede de solidariedade, que aparece como testemunho para o mundo.

Sabendo que o caminho para a santidade se faz pela conversão, a constatação negativa, ou seja, a da existência do fechamento para o amor ao outro, pode ser também o momento da Graça. “[...] Como o povo de Deus vive em comunidades, sobretudo diocesanas e paroquiais, e de certo modo nelas aparece visível, cabe-lhes [...] testemunhar Cristo perante os povos.” (AG, n. 37) Mesmo que seja pelo exemplo de sua própria conversão. Pois a permanência no fechamento é, definitivamente, um contra testemunho e se apresenta como uma anomalia corporal, onde a cabeça (Cristo) tende ao amor, até as últimas consequências (Cf Jo 13,1), e o corpo tende a negação dos irmãos (Cf. Lc 10,31-32).

Portanto, percebe-se que o trabalho pastoral não tem outra finalidade senão o da colhida e o do acompanhamento da humanidade de cada pessoa. Usando o amor como parâmetro de ação missionária, que busca, antes de tudo,

a salvação das pessoas de suas indignidades humanas, tanto no nível pessoal, quanto no comunitário. Combatendo as injustiças e proclamando a unidade pelo contato sensível e dialógico.

## TERCEIRO CAPÍTULO

### 3. O povo de Deus

No último capítulo explanou-se, brevemente, sobre a conscientização do dever missionário do povo de Deus no território paroquial, em especial, dos leigos, por sua posição privilegiada nos diversos setores da sociedade. Apresentando a necessidade da busca por renovações estruturais a partir das exigências existenciais do homem, percebidas por uma Igreja que vai ao encontro. Por fim, coloca-se a existência consagrada dos cristãos como meio de atuação nos encontros extraordinários que também estão no rol de responsabilidades missionárias das paróquias.

#### 3.1 Conscientização da responsabilidade pastoral em especial dos leigos

A Igreja, enquanto sacramento de unidade, tem como cabeça o Cristo (LG, n. 1), e tem como missão ser sinal de salvação para todos. A consciência de que a Igreja é guardiã dos meios para salvação (EG, n. 30) deve provocar a ação missionária de todo o povo de Deus, pois é responsabilidade dos batizados a solicitude para com o pastoreio das nações. (AA, n. 3) “O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial estão ordenados um para o outro, a serviço de todos; sem pretenderem serem confundidos em suas particularidades” (LG, n.10) a não ser no que toca a todos e é caminho universal: a vocação à santidade. (LG, n. 40) É nítido que mais do que os clérigos e os religiosos, que já possuem uma estrutura bem articulada para conscientização da sua missão pessoal, os leigos merecem uma exposição cada vez mais clara do seu papel na missionariedade da Igreja. Pois,

[...] a comum dignidade batismal assume no fiel leigo uma modalidade que o distingue sem, todavia, o separar, do presbítero, do religioso e da religiosa. O Concílio Vaticano II apontou a índole secular como sendo essa modalidade: “A índole secular é própria e peculiar dos leigos”<sup>29</sup>. (CL, n. 15).

O concílio Vaticano II, ainda, preocupou-se em esclarecer que, “o sacerdote ministerial, pelo poder sacro de que goza, forma e rege o povo sacerdotal, na

pessoa de Cristo realiza o sacrifício eucarístico e o oferece a Deus em nome de todo o povo [...]” (LG, n. 10). Já os leigos, “por força de seu sacerdócio régio, concorrem na oblação da Eucaristia” (LG, n. 10). E o manifestam na cotidianidade: “na recepção dos sacramentos” (LG, n. 10), com a oração, ação de graças, no testemunho, na abnegação e na caridade. Mesmo havendo uma organização hierárquica, não há um ordenamento de dignidade maior ou menor, há uma diversidade no serviço, pois cada um, a seu modo, participa de um único sacerdócio, o de Cristo. (LG, n. 10)

O esclarecimento da categoria povo de Deus, do Vaticano II, deve continuar a ser acompanhado por uma proposta de conscientização constante da massa laical. Visto que,

A novidade cristã é o fundamento e o título da igualdade de todos os batizados em Cristo, de todos os membros do povo de Deus: "Comum é a dignidade dos membros, pela regeneração em Cristo, comum a graça dos filhos, comum a vocação à perfeição; uma só salvação, uma só esperança e indivisa caridade". Em virtude da comum dignidade batismal, o fiel leigo é corresponsável, juntamente com os ministros ordenados e com os religiosos e as religiosas, pela missão da Igreja. (CL, n. 15)

Dito isso, evidencia-se a grande importância da conscientização dos leigos, do seu compromisso com a evangelização, no que diz respeito aos ministérios já estabelecidos para cada estado de vida e a busca pelo alargamento de cada missão pessoal. O alargamento de cada ministério laical está para a conservação da identidade e do motivo de ser da missão ministerial: o serviço ao outro, vasto e dinâmico território de missão.

A exortação Apostólica de João Paulo II sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo esclarece ainda que

Os fiéis leigos participam da vida da Igreja, não só pondo em ação os seus ministérios e carismas, mas também de muitas outras formas. Essa participação encontra a sua primeira e necessária expressão na vida e missão das Igrejas particulares, das dioceses, nas quais "está verdadeira mente presente e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica." (CL, n. 25)

Percebe-se que as paróquias territoriais. (CDC, cân. 518) que formam as dioceses, por reunirem um considerável número de batizados entorno da vida sacramental; (CCUNP, n. 125) têm maior responsabilidade na conscientização

do laicato da sua missão própria no seio da Igreja universal, a partir de seu território. Assim, a reunião dos fiéis leigos de uma paróquia precisa servir de base para animação da missão secular dos fiéis leigos hoje.

### 3.1.1 Evangelização a partir de dentro

Como ilustração da importância do leigo para o bom andamento pastoral das comunidades, o Código de Direito Canônico chega a legitimar a direção dos trabalhos pastorais de uma paróquia a um leigo ou um grupo de leigos. A saber,

Por causa da escassez de sacerdotes, se o Bispo diocesano julgar que a participação no exercício do cuidado pastoral da paróquia deva ser confiada a um diácono ou a uma pessoa que não tenha o caráter sacerdotal, ou a uma comunidade de pessoas, constitua um sacerdote que dirija o cuidado pastoral, munido dos poderes e das faculdades de pároco. (CDC, cân. 517)

Contudo, a preocupação maior não seria com a capacidade ou não de um leigo assumir determinadas funções paroquiais por substituição vicária, mas de assumir o seu lugar próprio, a secularidade (LG, n.31): “Ora, os leigos efetivamente participam do ofício sacerdotal, profético e real de Cristo, e têm na missão de todo o povo de Deus suas próprias incumbências, na Igreja e no mundo”. (AA, n.2)

Assim, “hoje, o território físico não é mais importante que as relações sociais. A transformação do tempo provoca uma nova noção de limites paroquiais, sem delimitação geográfica.” (CCUNP, n. 38) Com isso, a atuação dos fiéis leigos no mundo, no lugar onde se relacionam, deve ser efetivada com a ajuda e incentivo dos legítimos pastores (AA, n. 24), dos quais deve vir o primeiro interesse pela conscientização para a missão, pois a ação do leigo “[...] dentro das comunidades da Igreja é tão necessária que sem ela o próprio apostolado dos pastores, na maioria das vezes, não é capaz de alcançar sua plena eficácia [...]”. (AA, n. 10)

Com a globalização<sup>2</sup> cada vez mais acelerada, pelos meios de

---

<sup>2</sup> “A globalização é um fenômeno complexo que possui diversas dimensões (econômicas, políticas, culturais, comunicacionais, etc.). Para sua justa valorização, é necessária uma compreensão analítica e diferenciada que permita detectar tanto seus aspectos positivos quanto os negativos.” (DAp, n. 61)

comunicação digitais, os territórios paroquiais alcançam cada vez mais ambientes desconhecidos, formados por pessoas de várias localidades. Esses ambientes se formam, principalmente, nos meios digitais. Neles, há um novo mundo, com novos campos de missão. “O termo *comunidade*, por exemplo, é muito utilizado no mundo virtual, rompendo com o espaço físico, e construído novos territórios baseados em diversos interesses, superando a noção de espaço e tempo.” (CCUNP, n. 44, grifo do autor)

Essa realidade faz com que a paróquia fomente cada vez mais a missão dos fiéis leigos, que podem mais facilmente encontrar nesses ambientes novos territórios de missão, que precisam da atuação e do serviço da Igreja. Mais uma vez: não em um local específico, mas onde pisam os homens hoje, seja em ambientes físicos, ideológicos, digital etc. Os fiéis leigos podem colaborar sendo efetiva presença da Igreja, que renova os ambientes por onde passam, pelo testemunho da fé, concretizando, assim, o Batismo na cotidianidade de suas vidas e tendo sempre como apoio a paróquia expandida e circunscrita unicamente às pessoas.

### **3.1.2 Evangelização pela escuta dos fiéis e do mundo**

Outra perspectiva que fortalece a atuação do leigo na vida da Igreja é a colaboração deste para o *sensus fidei*. Por isso,

A importância do *sensus fidei* na vida da Igreja foi fortemente enfatizada pelo Concílio Vaticano II. Descartando a representação distorcida de uma hierarquia ativa e um laicato passivo e, particularmente, a noção de uma rigorosa separação entre a Igreja docente (*Ecclesia docens*) e a Igreja discente (*Ecclesia discens*), o Concílio ensinou que todos os batizados participam, cada um a seu modo, dos três ofícios de Cristo, profeta, sacerdote e rei. Em particular, ele ensinou que Cristo cumpre o seu papel profético não só através da hierarquia, mas também por meio dos leigos. (SF, n. 4)

Há uma colaboração direta dos leigos para com serviço missionário no sentido de doação dos dons, que são ofertados pelo Espírito Santo para o bem de todos (Cf. 1Cor 12,4-11). Seria uma desfiguração da Igreja a propagação de um laicato passivo, pois ele, a seu modo, possibilita a concretização de todos os trabalhos missionários. A missão paroquial territorial, sendo realizada por todo o

povo de Deus, deve acontecer na perspectiva da sinodalidade<sup>3</sup>, que na Igreja tem várias formas. Portanto, o bispo, exercendo o múnus de governar, “não se negue, pois, a ouvir os súditos dos quais cuida como verdadeiros filhos e exorta a alegremente colaborem com ele [...] na ação apostólica e missionária” pelas verdades de fé declaradas por todo o povo, (LG, n. 27) já que é sob a guia e pessoa do bispo que a Igreja particular se faz sinal do Verbo. (CD, n. 11)

Ainda no documento sobre o *Sensus Fidei* na vida da Igreja, lê-se, logo de início, um belo relato sobre o Papa Francisco, bispo de Roma, dando exemplo de escuta de matérias de fé vindas dos leigos, a saber,

Em seu primeiro *Angelus*, o Papa Francisco citou as palavras de uma senhora idosa humilde, que ele havia encontrado certa vez: “Se o Senhor não perdoa tudo, o mundo não existiria”; e o Papa comenta com admiração: “Essa é a sabedoria dada pelo Espírito Santo”. A intuição dessa mulher é uma manifestação marcante do *sensus fidei*, que, ao mesmo tempo, lhe permite algum discernimento no que diz respeito às questões de fé, nutre a verdadeira sabedoria e suscita a proclamação da verdade, como neste caso. É, portanto, claro que o *sensus fidei* representa um recurso vital para a nova evangelização, que é um dos principais compromissos da Igreja de hoje. (SF, n. 2)

Não se pode negar, de nenhuma forma, a colaboração de todos os batizados na atividade pastoral da Igreja. A escuta do testemunho de fé de todos fomenta a evangelização e possibilita a comunhão em torno do *querigma* cristão. (BRIGHENTI, 2006, p. 91) É verdade que

a expressão *sensus fidei* não é encontrada nem na Bíblia nem no ensino formal da Igreja antes do Concílio Vaticano II. No entanto, a ideia de que a Igreja como um todo é infalível em sua fé, porque ela é o corpo de Cristo e sua esposa (1Cor 12,27, Ef 4,12; 5,21-32, Ap 21,9), e que todos os membros têm uma unção que ensina (cf. 1Jo 2,20.27), graças ao dom do Espírito da verdade (cf. Jo 16,13) se encontra em toda parte, desde os primórdios do cristianismo. [...] (SF, n. 7)

<sup>3</sup> “A conceitualidade (no tocante às ligações vocabulares e aos eventuais atributos que se The acrescentam etc.) oscilou no decorrer da história, vindo a sofrer mudanças. Hoje, do lado católico, fala-se primeiramente de concílio ecumênico, significando-se com isto a reunião do colégio dos bispos com a sua cabeça, o papa. Fala-se, ademais, de concílios plenários ou provinciais, que significam acontecimentos sinodais ou conciliares de natureza regional. Além do sínodo dos bispos, que foi institucionalizado no fim do Concílio Vaticano II (uma representação permanente de todo o episcopado), de particular importância é ainda o sínodo diocesano, reunião do clero convocada pelo bispo. Em sentido mais largo, designam-se conselhos e grêmios a nível diocesano (conselho presbiteral, conselho pastoral) e às vezes em campo ainda mais restrito (regiões, decanatos, paróquias) como grêmios sinodais (**por exemplo, conselhos comunitários paroquiais**). Tom especial próprio adquiriu entretanto o conceito de "conciliaridade" para o campo da ecumênico (inclusive na Igreja católica).” (EICHER, 1993, p. 830 grifo nosso)

Mesmo na escuta das pessoas que ainda não estão unidas ao povo de Deus pelo Batismo há possibilidade de proposições válidas ao bem da evangelização. Desse fato o próprio Cristo dá testemunho, quando é interpelado pela insistência do grito periférico da mulher cananeia, do relato do evangelho segundo Mateus (Cf.15,27-28). A saber: “[...] Ela insistiu: “isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!”. Diante disso, Jesus lhe disse: “Mulher, grande é tua fé! Seja feito como tu queres! [...]”. A responsabilidade do povo de Deus para com a escuta da humanidade aumenta exponencialmente, em especial, dos leigos pela sua proximidade com as insurgentes realidades.

No reconhecimento do território da missão não é o anúncio o estandarte de abertura, mas a escuta, a observação, a exemplo do samaritano que percebe uma situação de missão (Cf. Lc 10,33). É, sobretudo, o reconhecimento das “sementes do verbo”, (JUSTINO, 1995 p. 98) que habitam no coração do homem da localidade existencial em questão.

### 3.2 A Igreja em saída

A proposta de uma “Igreja em saída” (EG, n. 20) é, paradoxalmente, a porta de entrada para os que estão fora. O Papa Francisco escreve na *Evangelii Gaudium* sobre um sonho: “o sonho missionário de chegar a todos.” (EG, n 31) Tal aspiração só pode concretizar-se com a constante renovação das estruturas eclesiais-missionárias. Uma paróquia que quer verdadeiramente conhecer os homens que vivem em seu território ou que por ele passam para tomá-los para si deve sair de si. A saída de si mesmo é possibilidade para formar novas estruturas que colaboram na manutenção da identidade missionária da Igreja, da qual “a paróquia é célula.” (AA, n. 10) O Papa Francisco lembra que

Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-as ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-as completamente para a missão. (EG, n. 28)

A renovação se dá na busca da configuração à missão do próprio Cristo

que vai ao encontro, se envolve e toma a iniciativa. (EG, n 24) Ir ao encontro requer do povo de Deus um abandono do preconceito ou do repúdio que há entre a vida pessoal e a social-periférica. Pois, mesmo que se vá às periferias da vida social em busca de uma aproximação com as diversas realidades sem um coração mais acolhedor e menos preconceituoso o trabalho missionário não cumpre seu papel.

Um coração preconceituoso não acolhe o excluído na sua totalidade. O ato de envolver-se requer, necessariamente, que se abrace a realidade de cada grupo ou pessoa para um diálogo que gere aprendizado, entendimento e, acima de tudo, comunhão. Comunhão nas dores, nas alegrias, nas incertezas e nas esperanças. (LG, n. 1) Tudo isso, a exemplo de Cristo que tomou a iniciativa no amor para com a humanidade a ponto de se encarnar (Cf. Jo 1,14), e não só, mas veio pelos últimos (Cf. Lc 1,48), nascendo pobre (Cf. Lc 2,6-7), sendo perseguido, exilado e (Cf. Mt 2,13) amando até o fim (Cf. Jo 13,1). Só a experiência do amor de Cristo pode provocar essa iniciativa de ir ao encontro do outro sem os preconceitos condicionantes das ações.

Um sinal gritante da necessidade da renovação paroquial está em não haver, no território adscrito, iniciativas eclesiais de saída de si mesmo em direção ao outro. Contra esse mal, o Papa Francisco escreve:

A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. (EG, n 28)

A saída de si deve partir dos pastores, que incentivam, pelo exemplo, toda a comunidade, com formações que apresentem os planos de ação missionária da Igreja particular, promovendo as missões no âmbito paroquial que têm, ainda hoje, grandes momentos ordinários de contato com o povo. São elas nos sacramentos, festas, novenários, pastorais, grupos e movimentos que se articulam em torno da estrutura paroquial. Geralmente, esses encontros acontecem nos templos e salões que as paróquias possuem. A vivacidade desses encontros ordinários, tomados pelo espírito de renovação, devem ultrapassar os limites das salas, para tomarem o caminho desconcertante da Igreja em saída. Assim, “cada cristão e cada comunidade há-de discernir qual é

o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade [...]”. (EG, n. 20)

O Senhor chamou os discípulos a serem pescadores de homens (Cf. Mt 4,19-20) e continua a chamar novos discípulos para a pesca. O risco é querer construir um criadouro para a pesca diária, onde a doutrinação e o conservacionismo causam estagnação interna, fechamento e impedem a entrada de novas pessoas. O chamado é sempre a ir às águas mais profundas (Cf. Lc 5,4) onde a pesca é sempre maior. No evangelho segundo Lucas, se lê: “Faze-te ao largo; lançai vossas redes para a pesca. [...] Fizeram isso e apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se rompiam” (Cf. Lc 5,4-6). Ainda precisaram de ajuda, pois o trabalho era grande para os que estavam na barca de Simão: “fizeram, então, sinais aos sócios do outro barco para virem em seu auxílio” (Cf. Lc 5,7).

### **3.2.1 A colaboração dos de boa vontade.**

Além da saída da própria comodidade, há os desafios de aceitar o auxílio de todas as pessoas de boa vontade, (DI, n 12). Recordando as palavras do próprio Jesus que ensina que, “[...] quem não é contra nós é por nós” (Cf. Mc 9,40). Assim,

O Concílio Vaticano II repropôs à consciência da fé da Igreja essa verdade fundamental. Ao expor o plano salvífico do Pai sobre a humanidade inteira, o Concílio liga estreitamente, desde o princípio, o mistério de Cristo com o do Espírito. Toda a obra de edificação da Igreja por parte de Jesus Cristo Cabeça, no decorrer dos séculos, é vista como uma realização que Ele faz em comunhão com o seu Espírito. Além disso, a ação salvífica de Jesus Cristo, com e pelo seu Espírito, estende-se, para além dos confins visíveis da Igreja, a toda a humanidade. Falando do mistério pascal, em que Cristo agora já associa vitalmente a Si no Espírito o crente e lhe dá a esperança da ressurreição, o Concílio afirma: “E isto vale não apenas para aqueles que creem em Cristo, mas para todos os homens de boa vontade, no coração dos quais, invisivelmente, opera a graça. Na verdade, se Cristo morreu por todos e a vocação última do homem é realmente uma só, a saber divina, nós devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal”. (DI, n 12)

A Igreja em saída pressupõe um diálogo constante no caminho do contanto com as realidades territoriais. As colaborações dos peritos nas diversas ciências

humanas contribuem no entendimento mútuo de diversas problemáticas sociais (ALMEIDA, 2009, p.197). Os agentes, imbuídos do espírito da escuta, abrem portas para um contato sadio com a busca da verdade, pelo diálogo, na diversidade das academias científicas. Aqui, reaparece a singular ação missionária dos fiéis leigos que, na secularidade, podem, por si, lerem a realidade com os óculos da fé, bem como oferecer, pelo testemunho, a quem esteja empenhado em toda boa obra, que se revelam como sinais do Verbo<sup>4</sup>, a serem explicitados no coração de cada homem. Para Brighenti,

A liberdade na busca do sentido não se limita a dizer "sim" ou "não", mas faz parte do próprio processo da revelação. Em última instância, só existe revelação quando esta for o resultado da cumplicidade de duas liberdades: a liberdade de Deus em querer comunicar-se e a liberdade do ser humano em querer acolher, na vida, aquilo que ele não conhece, mas aspira intuitivamente, sustentado pela graça. Como Deus não se impõe, mas se propõe, a disposição e o ato de "fazer a verdade" (Jo 3,21) condicionam a possibilidade de a revelação revelar algo. Em outras palavras: não há revelação divina se não houver busca humana convergente com a Palavra que Deus quer revelar. O que Deus comunica não implica uma resposta pronta, pois a revelação não é um "depósito", um repertório de respostas. As respostas dependem das perguntas com as quais saio e me coloco a caminho, em êxodo, ao encontro da revelação. (BRIGHENTI, 2006, p. 63)

A referência, feita pelos cristãos, às boas ações surgidas no ceio da sociedade, figuraria como reconhecimento da liberdade do Espírito, que sopra onde quer (Cf. Jo 3,8). A existência de uma comunidade eclesial que

---

<sup>4</sup> "10. Portanto, a nossa religião mostra-se mais sublime do que todo o ensinamento humano, pela simples razão de que possuímos o Verbo inteiro, que é Cristo, manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma. Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles frequentemente se con- tradisseram uns aos outros. Aqueles que antes de Cristo tentaram investigar e demonstrar as coisas pela razão, conforme as forças humanas, foram levados aos tribunais como ímpios e amigos de novidades. "Sócrates, que mais se empenhou nisso, foi acusado dos mesmos crimes que nós, pois diziam que ele introduzia novos demônios e que não reconhecia aqueles que a cidade considerava como deuses. "O fato é que, expulsando da república Homero e outros poetas, ele ensinou os homens a rejeitar os maus demônios, que cometeram as abominações de que falam os poetas, e ao mesmo tempo os exortava ao conhecimento de Deus, para eles desconhecido, por meio de investigação racional, dizendo: "Não é fácil encontrar o Pai e artífice do universo, nem, quando o tivermos encontrado, é seguro dizê-lo a todos." Foi justamente o que o nosso Cristo fez por sua própria virtude. Com efeito, ninguém acreditou em Sócrates, até que ele deu a sua vida por essa doutrina; em Cristo, porém, que em parte foi conhecido por Sócrates, pois ele era e é o Verbo que está em tudo, e foi quem predisse o futuro através dos profetas e, feito de nossa natureza, por si mesmo nos ensinou essas coisas <em Cristo acreditaram não só filósofos e homens cultos, mas também artesãos e pessoas totalmente ignorantes, que souberam desprezar a opinião, o medo e a morte, porque ele é a virtude do Pai inefável e não um vaso de humana razão." (JUSTINO, 1995, p. 100-101)

compreenda a validade do contato dialógico com o seu meio de convívio gera a Igreja em saída, não circunscrita territorialmente, mas dinâmica, viva e atuante no meio social.

### **3.2.2 O profetismo como ação que desmascara as injustiças**

Uma comunidade, verdadeiramente, atenta aos ensinamentos de Cristo e de sua Igreja, reconhece as boas obras, nascidas no meio das sociedades, como locais da revelação do amor de Deus. Da mesma forma, deve ver as realidades que obscurecem a Verdade revelada. São os territórios periféricos da sociedade, que devem ser territórios centrais do anúncio do evangelho. Pela ótica da fé, deve-se atuar de forma profética, denunciando o pecado que ocupa o lugar da Graça.

Com isso, a dinâmica da Igreja em saída pretende compartilhar a revelação ao mesmo tempo em que, pela realidade em que se atua, descobre-se o como da missão. Que não há outra forma a não ser pela caridade oferecida aos homens em comunidade. Só assim se efetua com plenitude a missão, onde a verdade da palavra é atestada pela realidade das ações e a encarnação acontece, pelos féis discípulos, no apostolado de todo o povo de Deus (LG, n.9) atuando nele a força do testemunho do martírio cotidiano. O exercício da caridade como pregação da fé na pastoral territorial se opõe ao pecado, que se caracteriza como “[...] tudo o que se opõe à realização da vida humana em todas as suas dimensões e em todas as pessoas que compõem a sociedade humana.” (KONZEN, 2001, p.222) Então,

[...] a revelação não é comunicação meramente interpessoal, entre Deus e o ser humano enquanto indivíduo, mas pedagogia verdadeira no processo histórico de um povo, no qual não se aprende coisas, mas se aprende a aprender. A comunidade, enquanto cumpre a função de intérprete, é parte integrante da revelação, na medida em que faz parte dela de maneira criadora. Por isso, antes de crer em Deus ou em sua revelação, crê-se na Igreja ou, mais propriamente, "em" Igreja, pois Deus fala através dela, dos que "viram [o túmulo vazio] e acreditaram." (BRIGHENTI, 2006, p. 63)

Não podendo as comunidades paroquiais ficarem alheias a toda e qualquer realidade social, principalmente nas quais se verifique degradação da dignidade humana, as estruturas de cada comunidade devem se moldar às realidades. Não

para mudar a verdade do anúncio, mas para a tornar clara, compreensível ao âmbito da atuação (DAp, n. 370). Recordando sempre a existência de uma hierarquia das verdades, muito importante no trabalho com a diversidade territorial (UR, n. 11), que não pode se perder em coisas periféricas, e deixar o homem, fim da pastoral, à margem.

Desse modo, “quando a realidade se transforma, devem, igualmente, se transformar os caminhos pelos quais passa a ação evangelizadora” (DGAEIB, n. 25). A transformação gera novas formas de evangelização sempre configuradas ao homem das mudanças. Assim, “instrumentos e métodos que deram certo em outros momentos históricos, com resultados que nos alegram profundamente, podem não apresentar, em nossos dias, condições de transmitir e sustentar a fé.” (DGAEIB, n. 25)

Para Francisco, “como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania, ‘toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial’” (EG, n. 27). A Igreja em saída, então, torna-se reveladora de locais periféricos. Esses, não necessariamente num território fixo, mas no emaranhado de relações humanas da atualidade. O primeiro grito profético das comunidades paroquiais deve ser o da acolhida transformadora da realidade, fazendo real o testemunho contra a desumanidade atuante nas sociedades que não devem ser assim no amanhã. Portanto, a missão transformadora da Igreja não pode se eximir da caminhada externa das estruturas eclesiais, mas, sim, caminhar no meio delas sendo luz que ilumina os diálogos.

### **3.3 Realidade existencial consagrada**

A realidade existencial dos Cristão assumida com a renovação proposta pelo Vaticano II marca uma virada na perspectiva missionária da Igreja no que toca à sua efetividade no mundo atual. As sociedades, grosso modo, realidades construídas e modificadas pelas relações humanas, podem ser tocadas num diálogo aberto e objetivo com as propostas eclesiais, ou num diálogo subjetivo, pelo simples fato de todo o povo de Deus ser sujeito da ação evangelizadora<sup>5</sup> e

---

<sup>5</sup> [...] “Consequentes com a renovação do Vaticano II, em especial com o novo lugar da Igreja no mundo (cf. GS 4; AG 15b), surgiram modelos de p. que inauguram um novo momento na ação evangelizadora.

atuar no mundo conforme a fé. (PASSOS E SANCHEZ, p.720 e 721). Ao que toca à paróquia,

O Vaticano II foi um concílio de transição e este vê a paróquia sob uma nova perspectiva: o olhar se desloca do pároco para a comunidade; da *cura animarum* para a edificação da comunidade; da concentração sobre si mesma para a de-centração sobre o mundo. Um dos desafios neste contexto pós-conciliar é a paróquia entender que a evangelização tem que ser diocesana, envolver a comunidade cristã como um todo, e não se prender, ainda que tenha algum sentido, importância e valor, aos limites de um território. (SOUSA, 2014, p. 168)

O sentido ou valor do território paroquial, à luz da *Lumen gentium*, verifica-se nas possibilidades de, em uma circunscrição, se realizar encontros com tudo que se verifique verdadeiramente humano (LG, n. 1). O encontro é a possibilidade para a evangelização, juntamente com a comunicação e as oportunidades de relação humana. Com o mundo cada vez mais complexo pelas inúmeras transformações sociais, dentro de um mesmo território, é possível encontrar incontáveis formas de relação, linguagens, religiosidades, interesses e ideologias (ALMEIDA, 2009, p. 127). É a humanidade com sua diversidade pulsando, viva e atuante.

Um mínimo contato com um pequeno território, que compreenda algumas ruas de uma cidade, basta para perceber a diversidade social. Inúmeros pontos de encontros como igrejas, fabricas, empresas, conventos, escolas, além de outras formas de contatos, casuais do dia a dia, seja nas próprias famílias ou com vizinhos e amigos. Em meio ao todo social, está a paróquia, com suas estruturas e momentos de encontros ordinários, que atuam na sociedade de diversas maneiras.

O que a comunidade cristã, que está na paróquia e é responsável por evangelizar os povos não pode deixar de lado é a preocupação pela animação

---

Um deles está estreitamente ligado à eclesiologia do Concílio e à renovação eclesial na primeira hora da recepção do Concílio. Um segundo é fruto de desdobramentos do Vaticano II, levados a cabo pela Igreja na América Latina.

A *Pastoral de conjunto*: a Igreja como Povo de Deus. Uma das principais mudanças do Vaticano II foi a afirmação da catolicidade da Igreja em cada Igreja Local (cf. CD 11a), o que contribuiu para o redescobrimto da dimensão diocesana da p., dando origem à p. de conjunto. Com isso, dá-se a superação tanto do paroquialismo da p. de conservação, como do universalismo generalizante dos movimentos eclesiais, à margem da Igreja Local. Ajudados pela AÇÃO CATÓLICA especializada, neste modelo os leigos encontram seu lugar na Igreja e assumem um papel protagonista, dada sua situação privilegiada de inserção mais direta no mundo (cf. AA 2b).” (PASSOS E SANCHEZ, p. 721).

dos encontros de evangelização extraordinários. Esses que acontecem sem programação, os quais só pode responder o âmbito existencial pessoal. Nesse sentido, “toda a existência cristã deve ser caracterizada como existência missionária” (Hoekendijk, 1967 apud BOSCH 2002, p. 27). A presença de cada batizado no mundo se faz missão a partir da sua vida pautada no evangelho, de onde emanam os valores que plenificam a vida humana particular e coletiva-relacional-missionária.

### **3.3.1 O encontro extraordinário e a missão existencial**

O encontro extraordinário figura como o campo de atuação ministerial universal da Igreja povo de Deus (LG, n.9). São os bispos, os padres, os diáconos, os religiosos e os leigos atuando, a seu modo, unidos num mesmo objetivo batismal: agir como pessoa nascidas para Cristo. (CIC. n. 1213) Chamados à missão, circunscrita na casualidade dos encontros. O Papa Francisco, colocando a descentralização, na resolução de algumas questões, apresentando a dificuldade ou inviabilidade do magistério papal responder a tudo, de forma distante das realidades territoriais, afirma:

Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo. Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar "descentralização". (EG, n. 16)

Francisco reconhece a capacidade das Igrejas particulares, na pessoa do bispo, em responder aos apelos eventuais da missão territorial. De fato, há aspectos muito particulares em cada local de missão que escapam a intervenções de cima para baixo. Só podendo haver resoluções no encontro entre existências, que habitam o mesmo espaço territorial, a exemplo da encarnação do Verbo, que habitou no mundo (Cf. Jo 1,14).

A esse problemática, a noção conciliar de povo de Deus dá a resposta, principalmente com a abertura à missão aos leigos, possibilitando o resgate do diálogo com o mundo em suas inúmeras possibilidades. Cristo ao rezar ao Pai, apresenta o mundo como local do anúncio:

“[...] Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo como eu não sou do mundo. Santifica-os na verdade, tua palavra é verdade. Como tu me enviastes ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (Cf. Jo 17,15-17).

Na ação missionária existencial no mundo, vale recordar o Compêndio da Doutrina Social da Igreja quando apresenta que

A Igreja, com a sua doutrina social, não só não se afasta da própria missão, mas lhe é rigorosamente fiel. A redenção realizada por Cristo e confiada à sua missão salvífica é certamente de ordem sobrenatural. Esta dimensão não é expressão limitativa, mas integral da salvação. O sobrenatural não deve ser concebido como uma entidade ou um espaço que começa onde termina o natural, mas como uma elevação deste, de modo que nada da ordem da criação e do humano é alheio ou excluído da ordem sobrenatural e teológica da fé e da graça, antes aí é reconhecido, assumido e elevado: “Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem (cf. Gên 1, 26-30) — aquele mundo que, entrando nele o pecado, “foi submetido à caducidade” (Rm 8, 20; cf. *ibid.*, 8, 19-22) — readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sapiência e do Amor. Com efeito, “Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito” (Jo 3, 16). Assim como no homem-Adão este vínculo foi quebrado, assim no Homem-Cristo foi de novo reatado (cf. Rm 5, 12-21)» [83]. (CDSI, n. 64)

Com a preocupação do cristão com a verdade de sua vida em Cristo vem a transformação pessoal, que implica no seu estado existencial missionário (Cf. Fl 1:27-30). A presença do cristão é presença testemunhal que transforma o local de atuação pelo fato de sua participação na vida divina (CALLEJA, 2006, p. 68). Em primeiro lugar, com a presença corporal: o estar junto com, que traz tudo o que é percebido na personalidade de cada indivíduo. Como as características levantadas por Calleja,

Um ser pessoal, constitutivamente *convivencial* e situado em estruturas que ele mesmo cria e das quais depende. Um ser pessoal no tempo e no espaço, um ser histórico. Um ser pessoal em corporalidade sexuada. Um ser pessoal em interdependência com seu ecossistema. Um ser pessoal indigente e aberto à resposta religiosa ou "parareligiosa" diante da finitude e do sofrimento. Um ser pessoal dotado de entendimento teórico-prático - dialético, cuja experiência da verdade sempre é como verdade histórica, recordada e por fazer.” (CALLEJA, 2006, p. 57-68)

É o encontro da pessoa, transformada e constantemente renovada pelo evangelho, com o outro no chão da existência vizinha que proporciona a vida

com Deus. “A Redenção começa com a Encarnação, mediante a qual o Filho de Deus assume tudo do homem, exceto o pecado, segundo as solidariedades instituídas pela Sabedoria criadora divina, e tudo abraça [...]” (CDSI, n. 65)

Para além da presença da estrutural paroquial, está a presença humana e, mais, humanizadora de cada paroquiano, que põe a sua existência a serviço. É a vida de seguimento a Cristo que entende a força da existência diante de Deus e do outro como possibilidade de salvação universal. Melhorando as estruturas sociais, potencializando a força transformadora do encontro que acolhe e, sobretudo, jugando tudo pela caridade (amor), que é

“[...] paciente, prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (Cf. 1Cor 13,4-7)

No fim, percebida a fragilidade humana incapaz por si só de levar a cabo o ideal desejado, segue o que escreveu Bento XVI:

Às vezes, a excessiva vastidão das necessidades e as limitações do próprio agir poderão expô-lo à tentação do desânimo. Mas é precisamente então que lhe serve de ajuda saber que, em última instância, ele não passa de um instrumento nas mãos do Senhor; libertar-se-á assim da presunção de dever realizar, pessoalmente e sozinho, o necessário melhoramento do mundo. Com humildade, fará o que lhe for possível realizar e, com humildade, confiará o resto ao Senhor. É Deus quem governa o mundo, não nós. Prestamos-Lhe apenas o nosso serviço por quanto podemos e até onde Ele nos dá a força. Mas, fazer tudo o que nos for possível e com a força de que dispomos, tal é o dever que mantém o servo bom de Cristo sempre em movimento: « O amor de Cristo nos constrange » (2 Cor 5, 14). (DCE, n. 35)

É unicamente na relação com Deus que os discípulos, na diversidade e particularidade dos serviços, doam as suas vidas, de forma a plenificar o trabalho pastoral na “zona humana”<sup>6</sup> do território paroquial. E sendo que “dentre todas as criaturas, com efeito, somente o homem é «*capaz*» de Deus» («*homo est Dei capax* »)” (CDSI, n. 109, grifo do autor). Não há como não ser ele o portador, ao mesmo tempo que é anunciado, da Graça que percebe em si mesmo e que deve cuidar no outro e em todas as criaturas. Tudo isso para dizer que o limite da

<sup>6</sup> [...] ““zona humana” (*zone humai ne*), à qual vai corresponder, em nível eclesial, a “zona pastoral” (*zone pastorale*).” (ALMEIDA, 2009, p. 133)

missão paroquial é a vida plena de cada ser humano, com suas alegrias, tristezas, esperanças, que formam o mistério da vida que só se encerra em Deus. (CDSI, n. 109)

Com a disposição em sair de si mesmo para alcançar um raio de atuação cada vez mais universal, as comunidades paroquiais fogem do risco de se tonarem instituições individualistas, sem pretensões solidárias. Portanto, pretendendo a paróquia ser um rosto da Igreja para o mundo, devem os seus membros, cada vez mais apresentar o evangelho com a integralidade e ousadia de quem é guiado pelo Espírito de Deus e, à maneira de Cristo, salvar o mundo. A saber:

Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. (Cf. Fl 2, 5-7)

É a humanidade o lugar de atuação paroquial. O respeito e, principalmente a ação, em favor de todo o que é verdadeiramente humano (GS, n. 1) testemunha a verdade e efetividade da existência da Igreja em uma comunidade paroquial hoje.

## CONCLUSÃO

Ao refletir sobre o que seria a circunscrição paroquial, à luz do Concílio vaticano II, percebe-se que não há limites nem mensurações definitivas sobre o como da pastoral missionária da Igreja, pois o verdadeiro campo de ação pastoral do povo de Deus é o ser de cada homem que, existindo, torna-se sujeito e objeto da missão. É um campo vasto e dinâmico onde o Divino se manifesta, na diversidade.

A dinâmica pastoral paroquial, agindo na diversidade humana, não pode ser outra a não ser a do diálogo, que manifesta a presença cristã que intervém respeitando a liberdade e particularidade de cada indivíduo ou sociedade em que está inserida, sendo alternativa para as contrariedades e desafios que só podem ser respondidos a partir de dentro de cada realidade. No encontro que gera aprendizado mútuo e sustentação dos valores que possibilitam a dignidade humana.

As realidades e estruturas da paróquia, quando livres de manutenções vazias, fecundam as sociedades nas quais estão inseridas, a exemplo da encarnação do Verbo, possibilitando encontros entre o povo de Deus ligados à paróquia e à humanidade que vive próxima e é necessitada de acolhida.

A ação pastoral começa na busca pelos que estão à margem, em processo de desumanização e não se limita em sua continuidade. O ponto de chegada é a abertura para acolher a todos. Sem o conhecimento do chão em que pisam, os cristãos, mesmo dirigidos pelos pastores, não podem atuar de forma evangélica: a evangelização requer descida e esvaziamento de si. O anúncio da boa nova é feito a partir da encarnação, ou seja, a partir de dentro da realidade existencial periférica.

Reconhecidas as alegrias, as tristezas as esperanças dos homens de cada tempo e local, os paroquianos podem assumir a sua missão de batizados, de ser sinal de misericórdia, coração aberto e oportunidade de vida que não se limita a uma configuração pré-estabelecida, mas que se renova constantemente, servindo de matéria para a construção do Reino de Deus já inaugurado.

## Referências

### Bibliografia:

ALMEIDA, Antonio José de. Paróquia, comunidades e pastoral urbana. 1 ed. – São Paulo - SP: Paulinas, 2009.

AQUINO, Francisco Júnio. Sobre o conceito “lugar teológico. REVISTA ECLASIÁSTICA BRASILEIRA. Petrópolis-RJ: n. 70 p. 450-453, Abr. 2010.

BOSCH, David J. Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão/David J. Bosch: tradução de Geraldo Korndörfer, Luís Marcos Sander. São Leopoldo - RS: EST, Sinodal, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. A pastoral dá o que pensar: A inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo - SP: Siquem, Paulinas, 2006.

BOCCATO, André Luiz de Almeida; FERREIRA, Lúcia Eliza; MELO, Aloisio. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. Encontros Teológicos, Florianópolis-SC. V.36 N.1 p. 153-172 15 mar. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/miche/Desktop/TEOLOGIA/TCC/A+forma%C3%A7%C3%A3o+da+consci%C3%Aancia.pdf> Acesso em: 07 Dez. 2022.

BÖTTIGHEIMER, Christoph. Manual de Teologia Fundamental: A racionalidade da questão de Deus e da revelação; tradução de Markus A. Hediger e Eduardo Gross. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

BRIGHENTI, Agenor. A Pastoral dá o que Pensar: A Inteligência da Prática Transformadora da Fé. São Paulo – SP: Siquem / Paulinas, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo - SP: Paulus, 2002.

BENTO XVI, papa. Carta Encíclica **Deus Caritas Est**. Sobre o amor cristão. 2ª ed. São PAULO – SP: Paulinas, 2006. n. 10

CONGRAGAÇÃO PARA O CLARO / Instrução - A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja. Documento – 63. Brasília – DF: Edições CNBB – 2020.

CONCELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documentos do CELAM: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, Puebla e Santo Domingos / Concelho Episcopal Latino-Americano. – São Paulo: Paulus, 2004. n. 3 p. 129

Compêndio da doutrina social da Igreja / Pontifício Concelho de “Justiça e Paz; tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). – 4 ed. – São Paulo: Paulinas, 2008. n. 64

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Catecismo da Igreja Católica – Edição típica vaticana. São Paulo – SP: Editora Vozes e Edições Loyola, 1999. P. 340.

\_\_\_\_\_. Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documentos da CNBB – 100 São Paulo – SP: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 - 2015. Documentos da CNBB – 94, 2. Ed. Brasília – DF: Edições CNBB, 2011.

CALLEJA, José Ignacio. Moral social samaritana I: fundamentos e noções de ética econômica cristã. [tradução Cristina Paixão Lopes]. São Paulo – SP: Paulinas, 2006. – (Coleção ética e sociedade)

CASTILLO M, José. *A Ética de Cristo*. São Paulo – SP: Loyola jesuítas, 2010.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto **Unitatis Redintegratio**, sobre o ecumenismo. Brasília – DF: Edições CNBB, 2018.

\_\_\_\_\_. Constituição pastoral **Gaudium Et Spes** sobre a Igreja no mundo de hoje. Brasília – DF: Edições CNBB: 2018. n. 1.

\_\_\_\_\_. Constituição dogmática **Lumen Gentium**. Sobre a Igreja Brasília – DF: Edições CNBB, 2018.

\_\_\_\_\_. Constituição conciliar, **Sacrosanctum Concilium**, Sobre a Sagrada Liturgia. Brasília – DF: Edições CNBB: Brasília - DF, 2018.n. 4.

\_\_\_\_\_. Decreto **Christus Dominus**. Sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja. Edições CNBB: Brasília - DF, 2018, n. 11.

\_\_\_\_\_. Decreto **Apostolicam Actuositatem**. Sobre o apostolado dos leigos. Edições CNBB: Brasília - DF, 2018, n. 10.

\_\_\_\_\_. Decreto **Ad Gentes**. Sobre a atividade missionária da Igreja. Brasília – DF: Edições CNBB, 2018. n. 6.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo - SP: Loyola, 1987.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja. / documento da Igreja – 63. Brasília – DF: Edições CNBB, 2020. n.17

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. Declaração **Dominus Iesus**, sobre o anúncio e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Roma: 2000. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000806\\_dominus-iesus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html)> 02 de jan. 2003. N. 12

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, **O Sensus Fidei na Vida da Igreja**, Roma, 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20140610\\_sensus-fidei\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html)> Acesso em: 2 dez. 2022.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINA AMERICANA. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília - DF: Edições CNBB; São Paulo - SP: Paulus; São Paulo - SP: Paulinas, 2007. n. 370

EICHE, Peter. tradução João Rezende Costal. Dicionário de conceitos fundamentais de teologia: São Paulo - SP: Paulus, 1993.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica **Lumen Fidei**. Sobre a fé, 2013. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html)> Acesso em: 19 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium**. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília – DF: Edições CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium**. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília – DF: Edições CNBB, 2013. n 30

GALDINO, Vitor Feller. **Lumen Gentium**: Pilar eclesiológico do Concílio Vaticano II, 2013. <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/163/154>> acesso em: 14 de julho 2022

HAIGHT, Roger. A comunidade cristã na história. Ecclesiológia histórica. Vol. 1. São Paulo - SP: Paulinas, 2012.

JUSTINO, Mártir, Santo Justino de Roma; I e II Apologias: diálogo com Trifão / [introdução e notas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin]. – São Paulo - SP: Paulus, 1995. – (Patrística)

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica **Christifideles Laici**. Sobre Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. São Paulo – SP: Paulinas, 2004.

JOÃO XXIII, Papa. Carta Encíclica ***Mater et Magistra***. Sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã. 1961. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)> Acesso em: 08 set. 2022. n. 235

PASSOS, João Décio; SANCHEZ Wagner Lopes. Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo - SP: Paulus, 2015. – (Coleção dicionários) p. 720 e 721

KONZEN, João Aloysio. Ética teológica fundamental. São Paulo – SP: Paulina, 2001, (coleção Iniciação teológica)

LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. Rio de Janeiro - RJ: Rocco, 1999.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Viver em comunidade para a missão - Um Chamado à Vida Religiosa Consagrada. São Paulo - SP: Paulus, 2013.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ Wagner Lopes. Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo - SP: Paulus, 2015. – (Coleção dicionários) p. 720 e 721

PAULO VI, Papa. Carta Encíclica ***Populorum Progressio***. Sobre o desenvolvimento dos povos. 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)> Acesso em: 12 out. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO « JUSTIÇA E PAZ », Compêndio da Doutrina Social da Igreja; Tradução CNBB. – 4. Ed. – São Paulo – SP: Paulinas, 2008. N. 61

QUEIRUGA, Torres Andrés. Recuperar a criação: por uma religião humanizadora. São Paulo- SP: Paulus, 1999.

SILVA, Dayvid. Paróquia: comunidade de comunidade. Olhando o passado, analisando o presente, pensar o futuro. Paróquia e catecumenato. Petrópolis-RJ, v. 74, n. 296, p. 826-846 outubro/dez. 2014.

SOUSA, Ney de. História da Igreja na América Latina / Ney de Souza. Petrópolis - RJ: Vozes, 2022. - (Coleção Iniciação à Teologia)

SOUSA, Ney. Da Igreja doméstica à paróquia Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. Revista de Cultura teológica, São Paulo, v.1, n. 83, p. 159-172, jan/jun. 2014

\_\_\_\_\_. O retorno a opção preferencial pelos pobres: alguns aspectos a partir do pontificado do Papa Francisco. Fronteiras, revista de cultura teológica UNICAP. v. 5, n. 1, p. 136 – 150, jan./jun, 2022. <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/2049/1951>>

acesso em: 13 de julho 2022

VIDAL, Senén. Jesus, o Galileu / Senén Vidal. São Paulo - SP: Loyola, 2009.